

1. QUESTIONÁRIOS

Para alunos do 9º ano Ensino Fundamental II

a) Questionário Inicial:

1. Você gosta de ler? Qual a importância da leitura na sua vida?

2. Que tipo de leitura mais lhe agrada? Assinale a alternativa correspondente:

- a) () Narrativas
- b) () Ficção
- c) () Contos
- d) () Poemas
- e) () Mistério

3. Você já leu poema? Tente lembrar o título de algum poema.

4. Você saberia dizer o nome ou algo sobre o autor do poema lido?

5. Ao ler um poema você consegue **compreender** o que lê e principalmente qual sua mensagem?

6. Você acredita que os poemas conseguem tocar (de alguma forma) o coração e as mentes das pessoas? Conseguem tocar os seus? Explique.

7. E a música também pode ser considerada um poema? Explique.

8. Música e poema você acha que eles têm algo em comum?

9. Você já utilizou a Sala de Leitura para ler poemas?

10. Em sua opinião a leitura deve estar relacionada à interpretação (entendimento) para um melhor desempenho literário? Explique.

b) Questionário Final:

1. As oficinas ajudaram a melhorar sua compreensão na leitura dos poemas?

2. As estratégias de leitura utilizadas nas oficinas proporcionaram maior envolvimento com os poemas?

3. Após a Sequência Didática (SD) houve um maior interesse na leitura de poemas?

4. A metodologia utilizada na Sequência Didática (SD) propiciou o entendimento e o gosto de ler poemas?

5. A maneira como foi realizada a leitura de poemas na Sequência Didática (SD), mudou a opinião de vocês sobre como ler poemas? Justifique sua resposta.

2. SEQUÊNCIA DIDÁTICA: Chaves da leitura “Descobrimo o prazer de LER e COMPREENDER poemas”



PROFESSORA MEDIADORA: KELLY BRAMBILLA KOLANO NICOLAU

PÚBLICO ALVO: ALUNOS DO 9º ANO EF. II DE UMA ESCOLA ESTADUAL NA CIDADE DE MAGDA, ESTADO DE SÃO PAULO.

DURAÇÃO: DEZ OFICINAS COM A DURAÇÃO DE APROXIMADAMENTE QUATRO AULAS PARA CADA OFICINA.

Obs: Em todas as aulas de oficina serão realizadas estratégias de leitura em ambiente adequado, organizado em roda de leitura e com livros de antologias poéticas de vários autores disponíveis aos alunos, para possibilitar maior envolvimento e acesso aos clássicos.

AULA DE OFICINA 1: Reconhecendo poemas.

Objetivos: Apresentar a sequência didática aos alunos; levantamento do conhecimento prévio sobre poemas; leitura compartilhada do poema “Recomeçar” de Carlos Drummond de Andrade; escrita dos alunos.

1º passo: Com o uso dos recursos tecnológicos como projetor, a professora apresentará a sequência didática aos alunos e por meio de um questionário fará o levantamento do conhecimento prévio sobre o que realmente conhecem sobre poemas.

2º passo: A professora mostrará um vídeo com o poema “Recomeçar” de Carlos Drummond de Andrade, música: *superman*, artista: *Five For Fightin*, edição de Leandro Reichert Marrama. Disponível em: www.youtube.com.br. A professora fará perguntas aos alunos sobre o vídeo apresentado e principalmente sobre o poema “Recomeçar”; o que os alunos puderam compreender do poema; qual a mensagem que foi passada; gostaram não gostaram; o que sabem sobre o autor Carlos Drummond de Andrade; já ouviram falar do autor etc.

3º passo: A professora fará um pedido aos alunos para que escrevam numa folha de papel o que para eles representam a palavra “recomeçar”.

4º passo: Para finalizar a professora passará o vídeo da banda de rock “Malta” com o clipe e letra da música “Recomeçar”.

AULA DE OFICINA 2: Vamos LER poemas?

Objetivos: Incentivar o prazer de ler entre os envolvidos, proporcionar momentos de leitura e interação, pesquisar poemas de interesse, ampliar o repertório de poemas conhecidos pelos alunos, reconhecer os poemas em suas diversas formas.

1º. Passo: Com o uso do projetor a professora iniciará a aula com o vídeo do poema “Certeza” de Mario Quintana. Disponível: www.youtube.com.br. Logo após o vídeo a professora abrirá espaço para os comentários da turma.

2º. Passo: A professora, então, convidará os alunos para irem até a Sala de Leitura da escola para que lá pesquisem poemas e grandes poetas, escolham e leiam poemas de interesse.

3º. Passo: Leitura em voz alta dos poemas escolhidos pelos alunos, deixando que flua a expressividade de cada um. O importante é que falem, manifestem livremente as impressões que tiveram do que leram.

4º Passo: Fazer com que os alunos percebam e façam observações através da leitura quanto ao ritmo, rimas, as repetições, os efeitos sonoros etc.

5º Passo: A professora terminará a oficina lendo com muita expressão um poema escolhido pelos próprios alunos.

6º Passo: Os alunos serão convidados a escreverem suas impressões quanto à leitura de poemas.

AULA DE OFICINA 3: O mundo dos poetas.

Objetivos: Conhecer e reconhecer alguns poetas e poemas consagrados da literatura brasileira. Descobrir a importância de ouvir e ler esses poemas.

1º Passo: A professora pedirá para que os alunos relembrem a 1ª oficina e perguntará qual foi o poeta e o poema mostrado no vídeo na ocasião. Os alunos irão se manifestar e dizer o que sabem do poeta em questão.

2º Passo: A professora, com o uso do projetor, apresentará vídeos dos grandes poetas: Carlos Drummond de Andrade, vida e obra; Manuel Bandeira vida e obra; Mario Quintana vida e obra; etc.

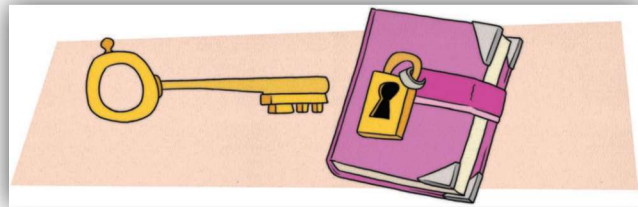
3º Passo: Os alunos assistirão a vídeos de poemas sendo declamados por esses mesmos poetas, os poemas serão lidos também pelos próprios alunos.

4º Passo: A professora distribuirá livros de Antologias poéticas desses escritores para que os alunos escolham alguns poemas para fazerem uma leitura compartilhada.

5º Passo: Os alunos entre eles escolherão um único poema para ser lido, observando e comentando a respeito do poema.

6º Passo: Após a leitura compartilhada (de um único poema escolhido pelos alunos) a professora questionará se todos entenderam o poema lido, levando-os a reflexão ao debate e a interiorização do mesmo, pois a professora quer mostrar que para se compreender um poema é preciso senti-lo, interiorizá-lo somente assim é que se pode dizer que a leitura foi realmente eficaz.

AULA DE OFICINA 4: A chave da leitura



Objetivos: Formular previsões sobre o poema a ser lido. Levantar hipóteses. Estimular a percepção dos alunos. Conhecer os sentidos das palavras. Leitura compartilhada. Esclarecer possíveis dúvidas sobre a leitura do poema.

1º Passo: A professora escreverá na lousa “No meio do caminho” e diz para os alunos falarem o que vem a cabeça sobre a frase escrita e que eles formulem previsões sobre o que quer dizer esse título.

2º Passo: A professora distribuirá cópias do poema “No meio do caminho” de Carlos Drummond de Andrade, para lerem individualmente e após a leitura fazer a seguinte interpretação:

Você ficou com a impressão de que os versos repetem sempre a mesma coisa? Então já começou a ler bem esse poema: a percepção da repetição é uma boa chave para a construção de sentidos! Agora pense e responda:

1. Você já encontrou uma pedra nos caminhos por onde andou? Esse é um acontecimento comum ou extraordinário?

2. No poema, a repetição excessiva do verso “no meio do caminho tinha uma pedra”, ou de parte dele reorganizado, sugere que, para o eu-lírico é um acontecimento comum ou extraordinário?
3. Em que versos o eu-lírico manifesta explicitamente o que pensa desse acontecimento?
4. Partindo da expressão “*minhas retinas tão fatigadas*”, o que podemos inferir sobre o eu-lírico: é alguém com pouca ou com muita experiência de vida? Por quê?
5. No sentido denotativo, literal, *caminho* significa passagem, percurso, e *pedra*, elemento mineral. Considerando o eu-lírico e a dimensão que ele atribui ao acontecimento, que outro sentido você daria a essas palavras no poema?

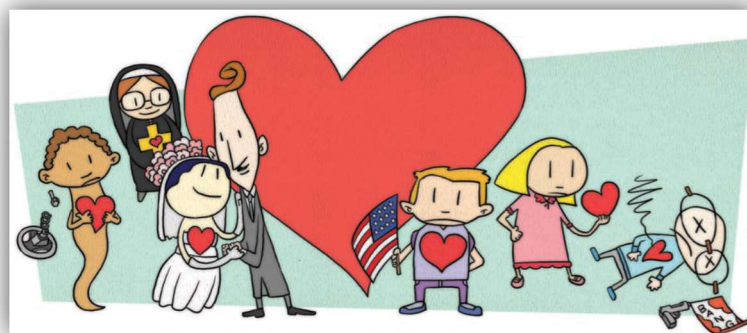
3º Passo: Com o uso do projetor exibirá (ou projetará) o vídeo/áudio do poema “No meio do Caminho” de Carlos Drummond de Andrade, para que os alunos percebam a entonação da leitura e criem o hábito de escutar o “outro” lendo para uma melhor compreensão/reflexão.

4º Passo: Responderem por escrito as seguintes perguntas:

O que você achou de primeiro ler sozinho o poema e depois ouvi-lo? O que na declamação do poema mais chamou sua atenção?

5º Passo: Reflexão: E para você já houve pedras no caminho?

AULA DE OFICINA 5: O amor como forma de expressão.



Objetivos: Aprimorar as estratégias de leitura. Formular previsões sobre o poema a ser lido. Levantar hipóteses. Estimular a percepção dos alunos. Estimular a

expressão dos alunos. Conhecer os sentidos das palavras. Leitura compartilhada. Esclarecer possíveis dúvidas sobre a leitura do poema. Primeiras escritas.

1º Passo: A professora colocará na lousa a seguinte pergunta: “O Amor tem razão?” “Existe vários tipos de amor? Quais?”. Os alunos responderão individualmente e depois a professora abrirá a roda para debates.

2º Passo: Com o uso do projetor a professora mostrará o vídeo do poema “As sem-razões do amor” de Carlos Drummond de Andrade com música de fundo de Richard Cleidman “Ballade pour Adeline” um dos maiores pianista contemporâneo, onde serão mostradas várias imagens, as quais os alunos discutirão e apresentarão a opinião deles. Vídeo disponível em www.youtube.com.br.

3º Passo: A professora entregará aos alunos uma cópia com o poema escrito para que eles possam, então, fazer uma leitura compartilhada e expressar o que eles sentiram do poema, levando a uma interpretação do que foi lido.

4º Passo: Os alunos serão convidados a irem até a SAI (Sala de informática) onde lá estudarão (ou lerão) o texto no *Power Point* interpretando-o com imagens pesquisadas na internet.

5º Passo: Os alunos deverão apresentar para toda sala o seu próprio *Power Point*, ou seja, a interpretação que tiveram do poema.

6º Passo: A professora pedirá para os alunos escreverem seus próprios poemas sobre as diferentes formas de amor, exemplo: amor de família, amor de amigos, amor de homem e mulher etc.

7º Passo: A professora finalizará a aula de oficina com o vídeo do poema sendo declamado pelo cantor e apresentador Roni Von, extraído do seu programa semanal chamado “Todo Seu” do quadro Via Poética.

AULA DE OFICINA 6 – A construção poética de imagens

Objetivos: Possibilitar um novo olhar e original sobre o poema e as imagens a serem trabalhadas. Resgatar observações, conhecimentos e sentimentos dos alunos.

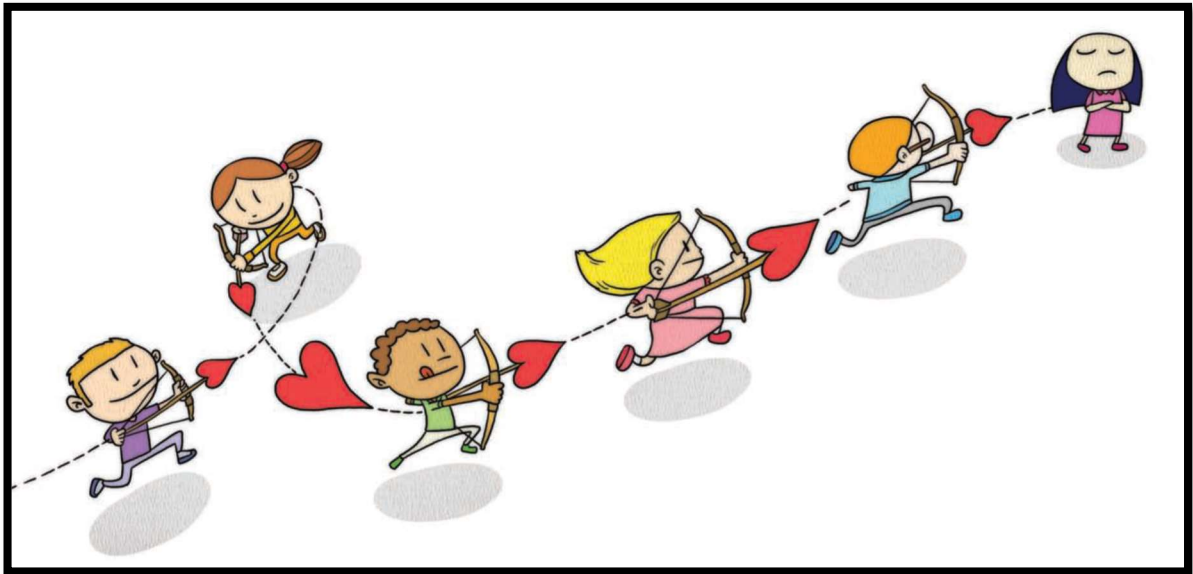
1º Passo: A professora oralmente perguntará aos alunos se já dançaram quadrilha; O que sabem sobre essa dança; os alunos responderão oralmente na roda de conversa.

2º Passo: A professora, então, continuará em sua investigação e pergunta sobre a possibilidade de haver um poema que se inspira na quadrilha para falar de amor. A professora abrirá para nova discussão, quando concluirá que Drummond fez um poema justamente chamado “Quadrilha”.

3º Passo: A professora, com o uso do *projeter* passará o vídeo feito pela FLIP 2009 em que Carlos Drummond declama esse mesmo poema. Em seguida, será aberta a roda para novas discussões. Disponível em www.youtube.com.br

4º Passo: A professora faz o seguinte questionamento: Que semelhanças podem ser estabelecidas entre a dança e o poema? E pede para observarem as imagens a seguir:





MAURÍCIO SIMONETTI/PULSAR IMAGENS

5º Passo: A professora diz aos alunos para aprofundarem mais essas semelhanças e entrega uma cópia para cada aluno do poema “Quadrilha” de Carlos Drummond de Andrade, para uma leitura individual e compartilhada para uma maior compreensão.

QUADRILHA

João amava Teresa que amava Raimundo
que amava Maria que amava Joaquim que amava Lili
que não amava ninguém.

João foi para os Estados Unidos, Teresa para o convento,
Raimundo morreu de desastre, Maria ficou para tia,
Joaquim suicidou-se e Lili casou com J. Pinto Fernandes
que não tinha entrado na história.

ANDRADE, Carlos Drummond de. Quadrilha. In: *Alguma poesia*. Rio de Janeiro: Record.

6º Passo: Após a leitura a professora entrega e propõe alguns exercícios interpretativos:

1. O título pode ser considerado uma chave de leitura para esse poema? Por quê?
 2. Que palavra foi usada, nos três primeiros versos do poema, para fazer a passagem de um para outro?
 3. Em que nome essa passagem é interrompida?
- Para pensar:* Na segunda parte do poema, todas as personagens ficam sozinhas ou morrem, exceto Lili, que se “casou com J. Pinto Fernandes/que não tinha entrado na história.”. Observe que essa última personagem é tratada como alguém importante, pois é a única chamada por nome e sobrenome.
4. Que visão sobre o amor e sobre o casamento está implícita no poema?

7º Passo: A professora convida os alunos para declamarem o poema, organizando-os para que façam uma declamação coletiva, valorizando o movimento alternado de desmanchar um par e formar outro, assim como uma quadrilha, pois a imagem da dança, mais especificamente o movimento de troca dos pares, é poeticamente imitada pelo modo como os primeiros versos se organizam: alguém ama alguém **que** ama alguém **que** ama... É como se nesses versos o pronome **que** funcionasse como o enlace de braços, no momento em que os dançarinos trocam de par. É uma bela imagem para os desencontros do amor.

AULA DE OFICINA 7 – Hora do desafio!

Objetivo: Tornar sistemática a vivência de práticas de leitura para fruição. Desenvolver e exercitar as seguintes capacidades de leitura: localização e comparação de informações e percepção de relações de intertextualidade.

1º Passo: Explicar que o desafio proposto tem como objetivo analisar vários poemas de um mesmo autor, identificando neles os temas que o poeta aborda e também sendo desafiados a produzir um poema montado a partir de seus versos.

2º Passo: Os alunos formarão grupos de trabalho. A professora distribuirá uma cópia com os oito poemas de Manuel Bandeira: Trem de ferro, Porquinho-da-Índia, O bicho, A estrela, Poema tirado de uma notícia de jornal, A onda, Irene no céu, Profundamente. No grupo uma pessoa escolherá um poema para fazer a leitura em voz alta.

3º Passo: A professora abrirá para discussões sobre a variedade temática presente na obra de Manuel Bandeira, chamando atenção que os poemas podem ser um gênero textual que pode tratar de assuntos os mais diversos possíveis.

4º Passo: Os alunos completarão o quadro a seguir:

Título do poema	Assunto	Sentimento/emoção
Trem de ferro		
Porquinho-da-índia		
O Bicho		
A estrela		
Poema tirado de uma notícia de jornal		
A onda		
Irene no céu		
Profundamente		

5º Passo: A professora explicará que em um de seus livros, Manuel Bandeira escreveu um poema feito com pedaços de outros poemas que ele já havia publicado chamado “Antologia”, ele deu esse título ao poema porque ele dá a idéia de coleção. No caso deste texto é uma coleção de ideias do próprio autor. A professora então convida os alunos para fazerem o mesmo, escolhendo alguns versos dos poemas lidos e transformarem em um novo poema.

AULA DE OFICINA 8: O poema e a música um par perfeito!

Objetivo: Leitura para fruição. Analisar letra de música.

1º Passo: Informar para os alunos que uma letra de música também é um poema e abrir para discussões.

2º Passo: Entregar a cópia da música “Garotos” de Leoni, para leitura e compreensão da mesma. Deixar os alunos comentarem entre si sobre a letra da música.

3º Passo: Ler e interpretar a letra da música, chegando a um entendimento coletivo.

4º Passo: Somente após o entendimento coletivo é que escutarão a música e assistirão ao clipe.

5º Passo: Os alunos escreverão sobre o tema discutido na música – garotos que ficam nas mãos das meninas, o amor quando chega você se transforma em apenas um menino, o poder das mulheres, a sedução etc.

AULA DE OFICINA 9 – A música e as relações intertextuais

Objetivo: Leitura para fruição. Analisar letra de música. Relação de intertextualidade.

1º Passo: Perguntar aos alunos o que vem a cabeça quando se fala em João e Maria. Será que existe alguma música com esse nome? Abrir para respostas e reflexões.

2º Passo: Entregar a letra da música “João e Maria” de Chico Buarque de Holanda. Biografia do autor e compositor. Identificar a presença de outros textos na música. Retomada sobre o que é intertextualidade.

3º Passo: Leitura da letra da música e interpretação. Levantamento de hipóteses.

4º Passo: Leitura de imagens “João e Maria”. Serão apresentadas várias imagens para os alunos analisarem e compreenderem a intertextualidade dos textos e imagens.

5º Passo: Com o uso do projetor apresentar o vídeo da música “João e Maria” interpretada por Chico Buarque e Nara Leão. Disponível em www.youtube.com.br.

AULA DE OFICINA 10– Meus poemas favoritos...

Objetivo: Colocar em prática toda a vivência das oficinas. Escrever poemas.

Ao longo de todas as oficinas foram trabalhadas muitas leituras e escrita, agora os alunos se dedicarão a leitura de poemas para fazerem a coletânea dos poemas favoritos para a finalização do projeto.

Os alunos com a mediação da professora farão como produto final um livro da oitava série (nono ano), onde os poemas da turma serão selecionados para entrarem no livro o qual será confeccionado em gráfica e os alunos também deverão fazer a ilustração da capa.

3. ANTOLOGIA DE POEMAS PARA AS OFICINAS

AULA DE OFICINA 1: Reconhecendo poemas.

Poema: “Recomeçar”

Carlos Drummond de Andrade

Não importa onde você parou...
em que momento da vida você cansou...
o que importa é que sempre é possível
e necessário "RECOMEÇAR".
Recomeçar é dar uma nova chance a si mesmo...
é renovar as esperanças na vida
e o mais importante...
acreditar em você de novo.

Sofreu muito nesse período?
foi limpeza da alma...

Ficou com raiva das pessoas?
foi pra perdoá-las um dia...

Sentiu-se só por diversas vezes?
é porque fechastes a porta até para os anjos...

Acreditou que tudo estava perdido?
era o início da tua melhora...

Pois é...agora é hora de reiniciar...
de pensar na luz...
de encontrar prazer nas coisas simples de novo.

Que tal
Um corte de cabelo arrojado... diferente?
Um novo curso... ou aquele velho desejo
de aprender a pintar... desenhar... dominar
o computador... ou qualquer outra coisa...

Olha quanto desafio... quanta coisa nova
nesse mundão de meu Deus te esperando.

Tá se sentindo sozinho?
Besteira... tem tanta gente que vc afastou
com o seu "período de isolamento"...
Tem tanta gente esperando apenas um sorriso teu
pra "chegar" perto de você.

Quando nos trancamos na tristeza...
 nem nós mesmos nos suportamos...
 ficamos horríveis...
 O mal humor vai comendo nosso fígado...
 até a boca fica amarga.

Recomeçar... hoje é um bom dia pra começar
 novos desafios.
 Onde você quer chegar? Ir alto... sonhe alto...
 queria o melhor do melhor... queria boas coisas para a vida...
 pensando assim trazemos pra nós aquilo que desejamos...
 se pensamos pequeno...
 coisas pequenas teremos...
 Já se desejarmos fortemente o melhor e principalmente
 lutarmos pelo melhor...
 O melhor vai se instalar na nossa vida.

E é hoje o dia da faxina mental
 joga fora tudo que te prende ao passado...
 ao mundinho de coisas tristes

Fotos... peças de roupas, papel de bala...
 ingressos de cinema, bilhetes de viagens...
 e toda aquela tranqueira que guardamos
 quando nos julgamos apaixonados...
 jogue tudo fora... mas principalmente...
 esvazie seu coração... fique pronto para a vida...
 para um novo amor...
 Lembre-se somos apaixonáveis
 somos sempre capazes de amar muitas e muitas vezes...
 afinal de contas... Nós Somos o "Amor"

"Porque sou do tamanho daquilo que vejo
 e não do tamanho da minha altura".

Fonte: <http://www.pensadoruol.com.br>

AULA DE OFICINA 2: Vamos LER poemas?

Poema: Certezas
 Mario Quintana

Certezas

Não quero alguém que morra de amor por mim...
 Só preciso de alguém que viva por mim, que queira estar junto de mim, me
 abraçando.

Não exijo que esse alguém me ame como eu o amo, quero apenas que me ame, não me importando com que intensidade.

Não tenho a pretensão de que todas as pessoas que gosto, gostem de mim...

Nem que eu faça a falta que elas me fazem, o importante pra mim é saber que eu, em algum momento, fui insubstituível...

E que esse momento será inesquecível...

Só quero que meu sentimento seja valorizado.

Quero sempre poder ter um sorriso estampando em meu rosto, mesmo quando a situação não for muito alegre...

E que esse meu sorriso consiga transmitir paz para os que estiverem ao meu redor.

Quero poder fechar meus olhos e imaginar alguém...e poder ter a absoluta certeza de que esse alguém também pensa em mim quando fecha os olhos, que faço falta quando não estou por perto.

Queria ter a certeza de que apesar de minhas renúncias e loucuras, alguém me valoriza pelo que sou, não pelo que tenho...

Que me veja como um ser humano completo, que abusa demais dos bons sentimentos que a vida lhe proporciona, que dê valor ao que realmente importa, que é meu sentimento...e não brinque com ele.

E que esse alguém me peça para que eu nunca mude, para que eu nunca cresça, para que eu seja sempre eu mesmo.

Não quero brigar com o mundo, mas se um dia isso acontecer, quero ter forças suficientes para mostrar a ele que o amor existe...

Que ele é superior ao ódio e ao rancor, e que não existe vitória sem humildade e paz.

Quero poder acreditar que mesmo se hoje eu fracassar, amanhã será outro dia, e se eu não desistir dos meus sonhos e propósitos, talvez obterei êxito e serei plenamente feliz.

Que eu nunca deixe minha esperança ser abalada por palavras pessimistas...

Que a esperança nunca me pareça um NÃO que a gente teima em maquiá-lo de verde e entendê-lo como SIM.

Quero poder ter a liberdade de dizer o que sinto a uma pessoa, de poder dizer a alguém o quanto ele é especial e importante pra mim, sem ter de me preocupar com terceiros... Sem correr o risco de ferir uma ou mais pessoas com esse sentimento.

Quero, um dia, poder dizer às pessoas que nada foi em vão...

Que o amor existe, que vale a pena se doar às amizades a às pessoas, que a vida é bela sim, e que eu sempre dei o melhor de mim... e que valeu a pena.

Fonte: <http://www.luso-poemas.net>

AULA DE OFICINA 3: O mundo dos poetas.

A professora, com o uso do projetor apresentará vídeos dos grandes poetas: *Carlos Drummond de Andrade*, vida e obra; *Manuel Bandeira* vida e obra; *Mario Quintana* vida e obra; etc.

AULA DE OFICINA 4: A chave da leitura

No meio do caminho

Carlos Drummond de Andrade

No meio do caminho tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho
tinha uma pedra
no meio do caminho tinha uma pedra.

Nunca me esquecerei desse acontecimento
na vida de minhas retinas tão fatigadas.

Nunca me esquecerei que no meio do caminho
tinha uma pedra

Tinha uma pedra no meio do caminho
no meio do caminho tinha uma pedra.

Fonte: www.luso-poemas.net

AULA DE OFICINA 5: O amor como forma de expressão.

Poema: As Sem-Razões do Amor

Carlos Drummond de Andrade

As Sem - Razões do Amor

Eu te amo porque te amo.
Não precisas ser amante,

E nem sempre sabes sê-lo.
 Eu te amo porque te amo.
 Amor é estado de graça
 E com amor não se paga.
 Amor é dado de graça
 É semeado no vento,
 Na cachoeira, no eclipse.
 Amor foge a dicionários
 E a regulamentos vários.

Eu te amo porque não amo
 Bastante ou demais a mim.
 Porque amor não se troca,
 Não se conjuga nem se ama.
 Porque amor é amor a nada,
 Feliz e forte em si mesmo.

Amor é primo da morte,
 E da morte vencedor,
 Por mais que o matem (e matam)
 A cada instante de amor.

Fonte: www.luso-poemas.net

AULA DE OFICINA 6 – A construção poética de imagens

Poema: Quadriha

Carlos Drummond de Andrade

Quadriha

João amava Teresa que amava Raimundo
 que amava Maria que amava Joaquim que amava Lili
 que não amava ninguém.
 João foi para os Estados Unidos, Teresa para o convento,
 Raimundo morreu de desastre, Maria ficou para tia,
 Joaquim suicidou-se e Lili casou com J. Pinto Fernandes
 que não tinha entrado na história

Fonte: <http://letras.mus.br/carlos-drummond-de-andrade/460652/>

AULA DE OFICINA 7 – Hora do desafio!

Poemas de Manuel Bandeira

Trem de ferro
 Porquinho-da-índia
 O Bicho
 A estrela
 Poema tirado de uma notícia de
 jornal
 A onda
 Irene no céu
 Profundamente

Trem de Ferro

Café com pão
 Café com pão
 Café com pão

Virgem Maria que foi isto maquinista?

Agora sim
 Café com pão
 Agora sim
 Café com pão

Voa, fumaça
 Corre, cerca
 Ai seu foguista
 Bota fogo
 Na fomalha
 Que eu preciso
 Muita força
 Muita força
 Muita força

Oô..
 Foge, bicho
 Foge, povo
 Passa ponte
 Passa poste
 Passa pato
 Passa boi
 Passa boiada
 Passa galho
 De ingazeira
 Debruçada
 Que vontade
 De cantar!

Oô..
 Quando me prendero
 No canaviá

Cada pé de cana
 Era um oficia
 Ôo...
 Menina bonita
 Do vestido verde
 Me dá tua boca
 Pra matá minha sede
 Ôo...
 Vou mimbora voou mimbora
 Não gosto daqui
 Nasci no sertão
 Sou de Ouricuri
 Ôo...

Vou depressa
 Vou correndo
 Vou na toda
 Que só levo
 Pouca gente
 Pouca gente
 Pouca gente.

Porquinho-da-Índia

Quando eu tinha seis anos
 Ganhei um porquinho-da-índia.
 Que dor de coração me dava
 Porque o bichinho só queria estar
 debaixo do fogão!
 Levava ele prá sala
 Pra os lugares mais bonitos mais
 limpinhos
 Ele não gostava:
 Queria era estar debaixo do fogão.
 Não fazia caso nenhum das minhas
 ternurinhas...

— O meu porquinho-da-índia foi minha
 primeira namorada.

O bicho

Vi ontem um bicho
 Na imundice do pátio
 Catando comida entre os detritos.
 Quando achava alguma coisa,
 Não examinava nem cheirava:
 Engolia com voracidade.
 O bicho não era um cão,
 Não era um gato,
 Não era um rato.
 O bicho, meu Deus, era um homem.

A Estrela

Vi uma estrela tão alta,
 Vi uma estrela tão fria!
 Vi uma estrela luzindo
 Na minha vida vazia.

Era uma estrela tão alta!
 Era uma estrela tão fria!
 Era uma estrela sozinha
 Luzindo no fim do dia.

Por que da sua distância
 Para a minha companhia
 Não baixava aquela estrela?
 Por que tão alta luzia?

E ouvi-a na sombra funda
 Responder que assim fazia
 Para dar uma esperança
 Mais triste ao fim do meu dia.

Poema tirado de uma notícia de jornal

João Gostoso era carregador de feira
 livre e morava no morro da Babilônia
 num barracão sem número
 Uma noite ele chegou no bar Vinte de
 Novembro
 Bebeu
 Cantou
 Dançou

Depois se atirou na lagoa Rodrigo de
 Freitas e morreu afogado.

A onda

a onda anda
 aonde anda
 a onda?
 a onda ainda
 ainda onda
 ainda anda
 aonde?
 aonde?
 a onda a onda

Irene no céu

Irene preta
 Irene boa
 Irene sempre de bom humor.

Imagino Irene entrando no céu:
 — Licença, meu branco!
 E São Pedro bonachão:
 — Entra, Irene. Você não precisa pedir
 licença.

Profundamente

Quando ontem adormeci
 Na noite de São João
 Havia alegria e rumor
 Vozes cantigas e risos
 Ao pé das fogueiras acesas.
 No meio da noite despertei
 Não ouvi mais vozes nem risos
 Apenas balões
 Passavam errantes
 Silenciosamente
 Apenas de vez em quando
 O ruído de um bonde
 Cortava o silêncio
 Como um túnel.
 Onde estavam os que há pouco
 Dançavam
 Cantavam
 E riam

Ao pé das fogueiras acesas?

— Estavam todos dormindo
Estavam todos deitados
Dormindo
Profundamente.

Quando eu tinha seis anos
Não pude ver o fim da festa de São João
Porque adormeci.

Hoje não ouço mais as vozes daquele tempo
Minha avó
Meu avô
Totônio Rodrigues
Tomásia
Rosa
Onde estão todos eles?
— Estão todos dormindo
Estão todos deitados
Dormindo
Profundamente.

Fonte: <http://www.revistabula.com/564-os-10-melhores-poemas-de-manuel-bandeira/>

AULA DE OFICINA 8: O poema e a música um par perfeito!

Música: Garotos
Leoni

Garotos

Seus olhos e seus olhares
Milhares de tentações
Meninas são tão mulheres
Seus truques e confusões
Se espalham pelos pêlos
Boca e cabelo
Peitos e poses e apelos
Me agarram pelas pernas
Certas mulheres como você
Me levam sempre onde querem

Garotos não resistem
Aos seus mistérios
Garotos nunca dizem não
Garotos como eu
Sempre tão espertos
Perto de uma mulher
São só garotos

Perto de uma mulher
São só garotos

Seus dentes e seus sorrisos
Mastigam meu corpo e juízo
Devoram os meus sentidos
Eu já não me importo comigo
Então são mãos e braços
Beijos e abraços
Pele, barriga e seus laços
São armadilhas e eu não sei o que faço
Aqui de palhaço, seguindo os seus passos

Garotos não resistem
Aos seus mistérios
Garotos nunca dizem não
Garotos como eu
Sempre tão espertos
Perto de uma mulher
São só garotos
Perto de uma mulher
São só garotos

Se espalham pelos pêlos
Boca e cabelo
Peitos e poses e apelos
Me agarram pelas pernas
Certas mulheres como você
Me levam sempre onde querem

Garotos não resistem
Aos seus mistérios
Garotos nunca dizem não
Garotos como eu
Sempre tão espertos
Perto de uma mulher
São só

Garotos não resistem
Aos seus mistérios
Garotos nunca dizem não
Garotos como eu
Sempre tão espertos
Perto de uma mulher
São só garotos
Perto de uma mulher
São só garotos
Perto de uma mulher
São só garotos

Fonte: letras.mus.br/leoni/

AULA DE OFICINA 9 – A música e as relações intertextuais

Música: João e Maria

Chico Buarque de Holanda e Nara Leão

Agora eu era o herói
E o meu cavalo só falava inglês
A noiva do cowboy
Era você além das outras três.

Eu enfrentava os batalhões
Os alemães e seus canhões
Guardava o meu bodoque
E ensaiava um rock para as matinês.

Agora eu era o rei
Era o bedel e era também juiz
E pela minha lei
A gente era obrigado a ser feliz.

E você era a princesa
Que eu fiz coroar
E era tão linda de se admirar
Que andava nua pelo meu país.

Não, não fuja não
Finja que agora eu era o seu brinquedo
Eu era o seu pião
O seu bicho preferido.

Vem, me dê a mão
A gente agora já não tinha medo
O tempo da maldade
Acho que a gente nem tinha nascido.

Agora era fatal
Que o faz-de-conta terminasse assim
Pra lá deste quintal
Era uma noite que não tem mais fim.

Pois você sumiu no mundo
Sem me avisar
E agora eu era um louco a perguntar
O que é que a vida vai fazer de mim.

Fonte: <http://www.vagalume.com.br/chico-buarque/joao-e-maria.html#ixzz3A3M9DRdJ>

4. EVIDÊNCIAS

4.1. Evidência 1 (Opiniões dos alunos)

Atividade de Oficina 1: Reconhecendo poemas.

Recomeçar:

Para mim significa nascer de novo, dar uma nova chance a si mesmo de viver, sonhar, realizar e acreditar que você pode sim ser feliz novamente.

Uma frase que me marca muito é "Para todo fim, um recomeço", ligo ela como uma motivação, pois por mais que sua vida esteja péssima, que você esteja passando por diversos problemas, e que você acha que já está no fim do poço, não desista NÃO! Nunca é tarde pra Recomeçar, nunca é tarde pra começar de novo, nunca é tarde pra recomeçar sua vida. Recomece!

Dobre o Poema:

Este poema realmente é um verdadeiro poço de motivação!

Muito lindo, é de tocar o coração e a alma, capaz de transformar os pensamentos das pessoas, principalmente das aquelas que já não mais acreditam em si mesmo, pois todos nós somos capazes de Recomeçar e este poema é um incentivo, para que você reflita e repense nos seus atos, tente outras vezes e acredite em você de novo. Ele é simplesmente Perfeito! ♥

Aula de Oficina 1: Reconhecendo poemas

"Recomeçar"

Recomeçar para mim é apagar tudo de ruim que já aconteceu em sua vida e começar uma vida nova com coisas novas, sonhos bons e novo, é ter novas esperanças, ter um novo propósito para sua vida, é acreditar em si mesmo, no seu potencial, é acreditar que você é capaz de correr atrás dos seus sonhos, de realizá-los.

Ⓜ Dábe quando parece que nada está dando certo em sua vida? Então, erga a sua cabeça e recomece... recomece do zero, acreditando que agora você vai conseguir, acreditando que você é capaz... será difícil, mas você consegue, como diz a frase "é com seus próprios erros que você aprende".

Sobre o poema:

Eu gostei deste poema, pois ele tocou no meu coração de uma forma tão especial, pois quantas e tantas vezes já pensei em desistir de tudo e jogar tudo pro alto... ele me fez acreditar que tudo é possível, que é possível recomeçar, é possível ser feliz, acreditar em mim mesma, acreditar no meu potencial.

Evidência 2 - Acervo pessoal

Oficina de leitura 1: Reconhecendo poemas.

"Recomeçar" é vencer todas as dificuldades, passar por cima de todos os problemas, sempre sentir, sempre ver o lado bom de um problema, a luz no fim do túnel.

Ⓞ poema em si, é uma lição de vida para quem acha que sua vida não tem, mais utilidade, não tem mais sentido, para que possa pensar sempre positivo, que sempre existe uma saída, procura sempre sentir.

Evidência 3 - Acervo pessoal

Outras respostas:

"Recomeçar" é vencer todas as dificuldades, passar por cima de todos os problemas, sempre sorrir, sempre ver o lado bom de um problema, ter uma luz no fim do túnel.

Evidência 4 – Acervo pessoal

"Recomeçar" para mim é apagar tudo de ruim que já aconteceu em sua vida e começar uma vida nova com coisas novas, sonhos bons, renovar e ter esperança. Recomeçar é ter um novo propósito para a sua vida, é acreditar em si mesmo, no seu potencial, é acreditar que você é capaz de correr atrás dos seus sonhos, de realizá-los.

Evidência 5 – Acervo pessoal

Recomeçar é ter novas esperanças e saber sonhar novamente dando uma oportunidade para si mesmo. Recomeçar é inventar, juntar seus pedacinhos para tentar novamente, por tudo tem um propósito nas novas vidas e isso te faz acreditar que podemos ser felizes, realizar sonhos, acreditar e o mais importante "recomeçar".

Evidência 6 – Acervo pessoal

RECOMEÇAR É SEMPRE DAR UMA NOVA CHANCE A SI MESMO, O QUE IMPORTA É O MOMENTO, O QUE VOCÊ FEZ NO PASSADO SERVIRÁ DE LIÇÃO PARA SEU FUTURO.

Evidência 7 – Acervo pessoal

A leitura do poema feita dessa maneira em três etapas fez com que eu conseguisse um melhor entendimento. O poema em si é uma lição de vida para quem acha que sua vida não tem mais salvação, não tem mais sentido, para que possa pensar sempre positivo, pois sempre existe uma saída. Gostei bastante.

Evidência 9 – Acervo pessoal

A leitura compartilhada deu mais entendimento ao poema.
Foi interessante e gostei muito.

Evidência 10 – Acervo pessoal

A leitura compartilhada fez com que a interpretação (entendimento) do poema ficasse clara, porque deu para perceber o entusiasmo com a leitura de cada um de nós.

Evidência 11 – Acervo pessoal

Eu gostei bastante desse poema, principalmente do jeito que foi lido, deu para mim entender melhor.
Esse poema tocou meu coração de uma forma tão especial, pois quantas vezes já pensei em desistir de tudo e jogar tudo para o alto... ele me fez acreditar que tudo é possível e principalmente recomeçar é possível.

Evidência 12 – Acervo pessoal

O poema fala muito sobre o amor, mais a coisa mais importante é aprender a amar e ter esperança que esse amor vai durar. Eu gostei muito do poema apesar de ser difícil compreender, mais com dedicação e uma boa atenção tudo melhora.

Evidência 13- Acervo pessoal

Eu gostei muito deste poema, apesar de ser mais difícil de ser interpretado. Mas, depois de usar as estratégias de leitura nas nossas aulas tudo se torna mais fácil.

Evidência 14 – Acervo pessoal

É um poema romântico, mas complexo e há nele alguma certa dificuldade para entender. Mas com as várias leituras conseguimos entender.

Evidência 15 – Acervo Pessoal

O poema fala de amor, ele passa uma mensagem de reflexão sobre a vida, sobre novos sentimentos, que não preciso de alguém que morra de amor por mim, que apenas preciso de alguém que cuide de mim. A leitura compartilhada do poema ajudou na reflexão, na compreensão, apesar de conter algumas palavras difíceis para se entender, pois com a ajuda da professora a compreensão foi mais concreta.

Evidência 16 – Acervo pessoal

Aula de Oficina 2: Vamos ler poemas.

"Certezas"

Você não precisa ser tratada como uma rainha, onde todos beijam seus pés, você apenas precisa ser lembrada, precisa de alguém que te dê carinho, amor, que te abraçe, te valorize, dê importância ao seu ser.

"Nós não vivemos de certezas e sim de dúvidas."

Sobre o poema:

Eu gostei muito deste poema, apesar de ser mais difícil de ser interpretado. Enfim ele fala sobre o amor, mas não um amor forçado e sim um amor suave, para que esse amor consiga ter longa duração.

Evidência 17 – Acervo pessoal

Aula de Oficina 2: Vamos ler poemas ?

"Certezas"

O poema certezas fala de amor.

Ele passa uma mensagem de reflexão sobre a vida, sobre novos sentimentos, que não precisa de alguém que morra de amor por mim, que apenas precisa de alguém que cuide de mim, que viva por mim, que me abraçe sempre.

A leitura compartilhada do poema ajudou na reflexão, na compreensão, apesar de conter algumas palavras difíceis para se entender, pois, com a ajuda da professora a compreensão foi mais concreta.

Evidência 18 – Acervo Pessoal

aula de Oficina 2: Vamos Ler Poemas?

Certezas

Certezas ... acho que Não!! Nessa vida é cheia de dúvidas mesmo. É nessas idas e vindas do destino que descobrimos os mais variados sentimentos como: Amor, desprezo, reconhecimento, alegria, tristeza, paz, medo, ódio, rancor, humildade e principalmente a perseverança, aquela capaz de nos dar forças para lutarmos por algo, como por exemplo: O amor que nos incentiva a viver, só pelo fato de nos tornar inesquecíveis e insubstituível.

Sobre o Poema

Gostei muito do Poema, pois ele fala o que a sua alma e o seu coração quer ouvir, fala sobre amor, e acima de tudo a vontade de amar e de ser amado.

Este poema realmente é um pouco mais difícil de compreender, mas com atenção conseguimos entendê-lo com o coração.

Oficina 3:

Conhecendo a história de Manuel Bandeira, Mário Quintana e Carlos Drummond de Andrade através de vídeos

Oficina 4. A chave da leitura

"No meio do caminho"

Quente das dificuldades da vida, das passagens da vida, dos acontecimentos, sempre superá-los

AULA DE OFICINA 4: A chave da leitura

No meio do caminho

Carlos Drummond de Andrade

No meio do caminho tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho
tinha uma pedra
no meio do caminho tinha uma pedra.

Nunca me esquecerei desse acontecimento
na vida de minhas retinas tão fatigadas.

Nunca me esquecerei que no meio do caminho
tinha uma pedra

Tinha uma pedra no meio do caminho
no meio do caminho tinha uma pedra.

<http://www.luso-poemas.net>

^ - Sim, comum, sempre nos deparamos com "pedras no meio do caminho".

As vidas e obras dos Poetas
 Carlos Drummond de Andrade, Mário
 Quintana e Manuel Bandeira.

aula de oficina 4 = A chave da leitura

"No meio do caminho": Estrada

AULA DE OFICINA 4: A chave da leitura

No meio do caminho

Carlos Drummond de Andrade

No meio do caminho tinha uma pedra
 tinha uma pedra no meio do caminho
 tinha uma pedra
 no meio do caminho tinha uma pedra.

Nunca me esquecerei desse acontecimento
 na vida de minhas retinas tão fatigadas.

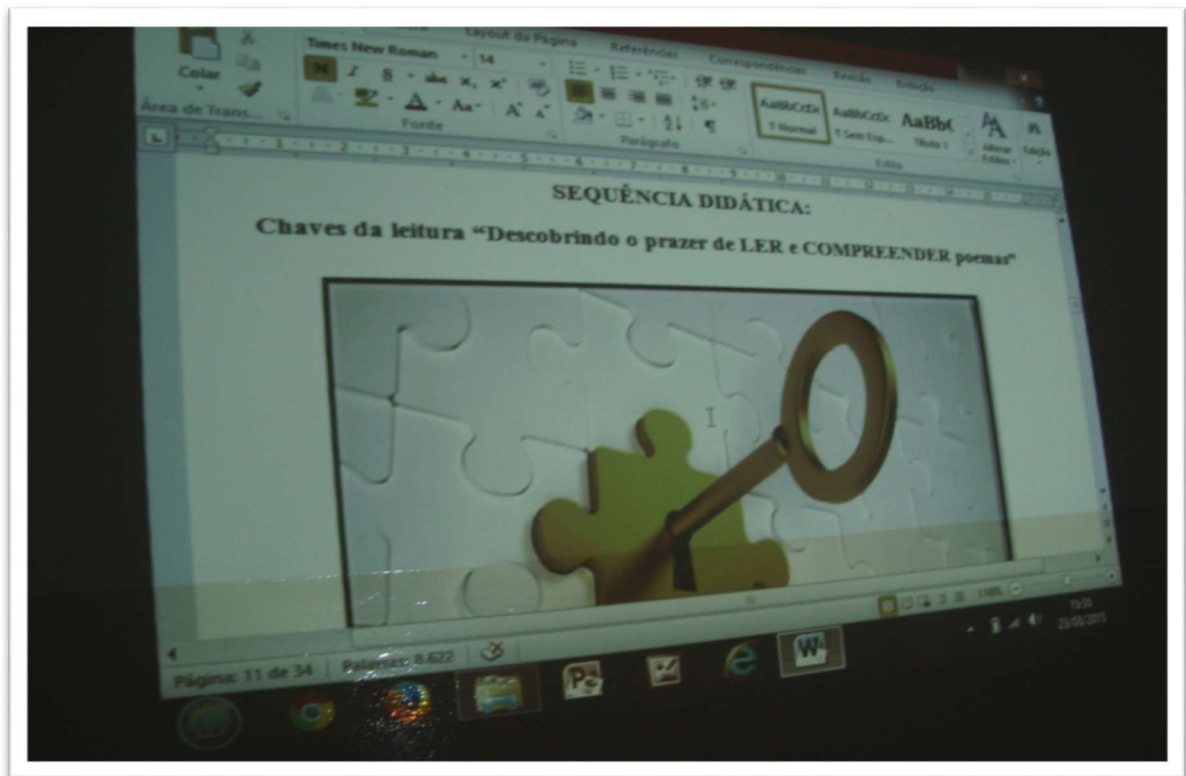
Nunca me esquecerei que no meio do caminho
 tinha uma pedra

Tinha uma pedra no meio do caminho
 no meio do caminho tinha uma pedra.

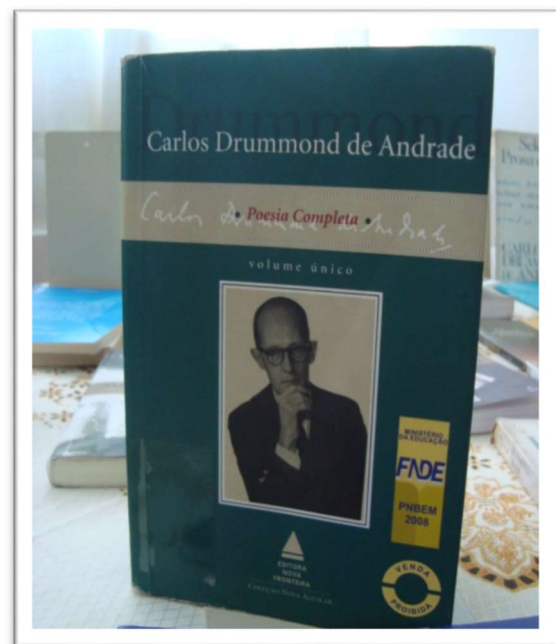
<http://www.luso-poemas.net>

da vida!
 que significa,
 que na vida
 vai ter uma
 dificuldade
 ou seja uma
 pedra

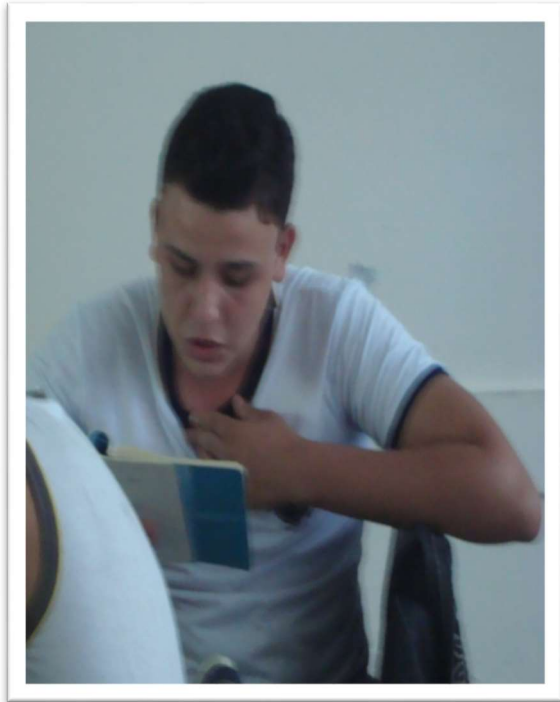
4.2. Evidências (imagens/fotos)



Apresentação da Sequência Didática (SD) – chaves da leitura



Antologias Poéticas



Leitura de poemas



Estratégias de leitura utilizadas na SD

4.3. Evidência 3 - Escolha dos poemas para a confecção dos “livrinhos” (Imagens/fotos)



Escolha dos poemas para a “Antologia Poética”



Escolha dos poemas para a “Antologia Poética”

4.4. Evidência 4 – Produto Final “livrinho de poemas”. Capa do “livrinho” confeccionado pelos alunos



(capa do “livrinho”)

5. PEQUENA EXPLICAÇÃO

Os benefícios de ler são múltiplos e comprovados. A criatividade é estimulada, enriquece e reforça os processos cognitivos. Ler é uma atividade muito mais complexa do que a simples interpretação dos símbolos gráficos, de códigos, requer um indivíduo capaz de compreender além do que está escrito, incorporando-o à sua bagagem pessoal. Exige do leitor comportamento ativo durante o ato da leitura.

Acredito que o gosto pela leitura se constrói por meio de um longo processo, sendo o professor um agente fundamental na mediação entre os alunos e suportes textuais, um impulsionador e guia, no sentido de um contato cada vez mais intenso e desafiador entre o leitor e a obra a ser lida. Neste sentido, como professora pude planejar e desenvolver atividades de leitura com foco específico no poema que colaborasse para o desenvolvimento da compreensão leitora, aprimorando a execução das práticas e das estratégias de leitura.

As atividades foram desenvolvidas em sala de aula por meio de Oficinas de Leitura de Poemas intituladas “Chaves da Leitura descobrindo o prazer de Ler e Compreender Poemas” que propõem o gosto pela leitura de poemas prazerosos, aguçando assim o potencial cognitivo, por meio de estratégias de leitura bem definidas.

Este “livrinho” (opúsculo) é parte do resultado do projeto – Antologia Poética -, desenvolvido pelos alunos. Para tanto, coletaram e escolheram diversos poemas com os quais mais se identificaram e gostaram para fazer parte desta coletânea de poemas intitulada – Meus poemas preferidos. Reconheço que não é um título muito original, mas mantive por, inicialmente, ser a escolha dos alunos e, também a palavra “preferido” possui aqui significado muito especial enquanto resultado de um trabalho voltado para a leitura de poema.

Agradeço aos alunos pelo empenho e pela dedicação às atividades do projeto. Isso mostra o quanto pode ser realizado nas atividades voltadas para a leitura e como as crianças e os jovens são capazes de desenvolver o gosto pela leitura, se bem orientados. O resultado é bastante significativo, uma vez que se trata

de possibilitar ao aluno a compreensão da leitura de poemas e conseqüentemente de fruição estética.

Boa leitura!

6. ANTOLOGIA DE POEMAS ESCOLHIDOS PELOS ALUNOS

O SEU SANTO NOME (*)

Não facilite com a palavra amor.
 Não a jogue no espaço, bolha de sabão.
 Não se inebrie com o seu engalanado som.
 Não a empregue sem razão acima de toda razão (e é [raro]).
 Não brinque, não experimente, não cometa a loucura
 [sem remissão
 de espalhar aos quatro ventos do mundo essa palavra
 que é toda sigilo e nudez, perfeição e exílio na Terra.
 Não a pronuncie.



(*) *in: Carlos Drummond de Andrade. Corpo Novos Poemas, 1984.*

Edison Cortes Ribeiro.

A HORA DO CANSAÇO (*)

As coisas que amamos,
 as pessoas que amamos
 são eternas até certo ponto.
 Duram o infinito variável
 no limite de nosso poder
 de respirar a eternidade.

Pensá-las é pensar que não acabam nunca,
 dar-lhes moldura de granito.
 De outra matéria se tornam, absoluta,
 numa outra (maior) realidade.
 Começam a esmaecer quando nos cansamos,
 e todos nos cansamos, por um ou outro itinerário,
 de aspirar e resina do eterno.



Já não pretendemos que sejam imperecíveis.
 Restituímos cada ser e coisa à condição precária,
 Rebaixamos o amor ao estado de utilidade.
 Do sonho eterno, fica esse gosto acre
 na boca ou na mente, sei lá, talvez no ar.

(*) in: *Carlos Drummond de Andrade. Corpo Novos Poemas, 1984*

Edison Cortes Ribeiro

A ESTRELA(*)

Vi uma estrela tão alta,
 Vi uma estrela tão fria!
 Vi uma estrela luzindo
 Na minha vida vazia.

Era uma estrela tão alta!
 Era uma estrela tão fria!
 Era uma estrela sozinha
 Luzindo no fim do dia.

Por que da sua distância
 Para a minha companhia
 Não baixava aquela estrela?
 Por que tão alta Luzia?
 E ouvi-a na sombra funda
 Responder que assim fazia
 Para dar uma esperança
 Mais triste ao fim do meu dia.

(*) in: *Manuel Bandeira. Antologia Poética, 2001.*



Edson Francisco da Silva Junior.

AMOR E SEU TEMPO (*)

Amor é privilegio de maduros
 Estendidos na mais estreita cama,
 Que se torna a mais larga e mais relvosa,
 roçando, em cada poro, o céu do corpo.
 É isto, amor: o ganho não previsto,
 o prêmio subterrâneo e coruscante,
 leitura de relâmpago cifrado,
 que, decifrado, nada mais existe
 valendo a pena e o preço do terrestre,
 salvo o minuto de ouro no relógio
 minúsculo, vibrando no crepúsculo.

Amor é o que se aprende no limite,
 Depois de se arquivar toda a ciência
 herdada, ouvida. Amor começa tarde.

(*) in: *Carlos Drummond de Andrade. As impurezas do Branco, 2002.*

Edson Francisco da Silva Junior



MÃOS DADAS (*)

Não serei o poeta de um mundo caduco
 Também não cantarei o mundo futuro
 Estou preso à vida e olho meus companheiros
 Estão taciturnos mas nutrem grandes esperanças
 Entre eles, considero a enorme realidade
 O presente é tão grande, não nos afastemos
 Não nos afastemos muito, vamos de mãos dadas

Não serei o cantor de uma mulher, de uma história
 Não direi os suspiros ao anoitecer, a paisagem vista da janela
 Não distribuirei entorpecentes ou cartas de suicida
 Não fugirei para as ilhas nem serei raptado por serafins



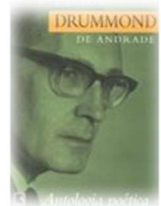
O tempo é a minha matéria, o tempo presente, os homens presentes
A vida presente.

(*) *in: Carlos Drummond de Andrade. Antologia Poética, 2002.*

Fernanda Heloisa Siqueira

CONGRESSO INTERNACIONAL DO MEDO (*)

Provisoriamente não cantaremos o amor,
que se refugiou mais abaixo dos subterrâneos.
Cantaremos o medo, que esteriliza os abraços,
não cantaremos o ódio porque esse não existe,
existe apenas o medo, nosso pai e nosso companheiro,
o medo grande dos sertões, dos mares, dos desertos,
o medo dos soldados, o medo das mães, o medo das igrejas,
cantaremos o medo dos ditadores, o medo dos democratas,
cantaremos o medo da morte e o medo de depois da morte,
depois morreremos de medo
e sobre nossos túmulos nascerão flores amarelas e medrosas.



(*) *in: Carlos Drummond de Andrade. Antologia Poética, 2002.*

Fernanda Heloisa Siqueira

SONETO DO MAIOR AMOR (*)

Maior amor nem mais estranho existe
Que o meu, que não sossega a coisa amada
E quando a sente alegre, fica triste
E se a vê descontente, dá risada.

E que só fica em paz se lhe resiste
O amado coração, e que se agrada
Mais da eterna aventura em que persiste



Que de uma vida mal-aventurada.

Louco amor meu, que quando toca, fere
 E quando fere vibra, mas prefere
 Ferir a fenecer - e vive a esmo

Fiel à sua lei de cada instante
 Desassombrado, doido, delirante
 Numa paixão de tudo e de si mesmo.

(*)in: *Vinícius de Moraes. Antologia Poética, 2005.*

Fernanda Heloisa Siqueira

MEMÓRIA (*)

Amar o perdido
 deixa confundido
 este coração.

Nada pode o olvido
 contra o sem sentido
 apelo do Não.

As coisas tangíveis
 tornam-se insensíveis
 à palma da mão.

Mas as coisas findas,
 muito mais que lindas,
 essas ficarão.



(*) In: *Carlos Drummond de Andrade. Antologia Poética, 2002.*

Geovana Lopes Nogueira

AMAR-AMARO (*)

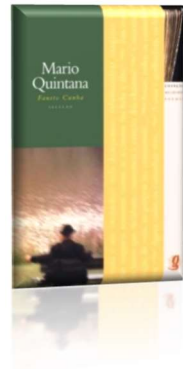
Por que amou por que amou
 se sabia
 proibido passear sentimentos
 ternos ou desesperados
 nesse museu do pardo indiferente
 me diga: mas por que
 amar sofrer talvez como se morre
 de varíola voluntária vírgula evidente?
 ah PORQUE AMOU
 e se queimou
 todo por dentro por fora nos cantos nos ecos
 lúgubres de você mesm(o, a)
 irm(ã,o) retrato espéculo por que amou?
 se era para
 ou era por
 como se entretanto todavia
 toda via mas toda vida
 é indagação do achado e aguda espostejação
 da carne do conhecimento, ora veja
 permita cavalheir(o,a)
 amig(o,a) me releve
 este malestar
 cantarino escarninho piedoso
 este querer consolar sem muita convicção
 o que é inconsolável de ofício
 a morte é esconsolável consolatrix consoadíssima
 a vida também
 tudo também
 mas o amor car (o,a) colega este não consola nunca de núncaras.



(*) in: *Carlos Drummond de Andrade. Antologia Poética, 2002.*

CANÇÃO PARA UMA VALSA LENTA (*)

Minha vida não foi um romance...
 Nunca tive até hoje um segredo.
 Se me amas, não digas, que morro
 De surpresa... de encanto... de medo...
 Minha vida não foi um romance,
 Minha vida passou por passar.
 Se não amas, não finjas, que vivo
 Esperando um amor para amar.
 Minha vida não foi um romance...
 Pobre vida... passou sem enredo...
 Glória a ti que me enches a vida
 De surpresa, de encanto, de medo!
 Minha vida não foi um romance...
 Ai de mim... Já se ia acabar!
 Pobre vida que toda depende
 De um sorriso... de um gesto... um olhar...



(*) in: *Mario Quintana. Melhores poemas, 2003.*

Geovana Lopes Nogueira

DESTINO (*)

Como uma folha
 ao vento
 confiar no rumo
 dos acontecimentos
 Soltar o corpo
 E a alma
 E deixar que dancem
 com o coração
 do mundo.
 Abrir as portas

e as janelas
 para que as estradas
 entrem pela casa
 adentro,
 com todas as luas
 e luzes e sombras
 e infinitas surpresas
 Como um veleiro
 Na hora da partida
 não sabe ainda
 as palavras do mar.
 Assim todos os dias
 no umbral da vida.



(*)in: *Roseana Murray. Caminhos da Magia, 2001.*

Gustavo Sibim

ALQUIMIA(*)

Ao longo de toda
 a existência,
 buscar a essência,
 o mais fino fio
 de água,
 o mais cristalino,
 o ouro puro
 que dorme no fundo
 dos mistérios.



Transmutar sentimentos,
 Cada dia construir
 a alma
 nos laboratórios secretos
 do ser.

Alquimia é mergulhar
 as mãos, o corpo todo,
 o coração.
 em todos os ventos.
 É nadar no oceano
 da vida e da magia.

(*)in: *Roseana Murray. Caminhos da Magia, 2001.*

Gustavo Sibim

OS QUATRO ELEMENTOS (*)

A terra é o chão
 onde se planta a semente
 e se cravam os pés
 feito bandeira.

No fogo tudo começa
 e termina:
 transmutação.
 Os pensamentos são o ar
 que nada aprisiona,
 nenhuma barreira.
 Sentimentos são água,
 oceano de emoções
 fazendo e refazendo o mundo.

Equilibrar dentro do corpo
 e da alma
 os quatro elementos
 essa tarefa do dia-a-dia,



exercício de magia.

(*)in: Roseana Murray. *Caminhos da Magia*, 2001.

Igor Daniel Báculo

AMOR

Amor é o mistério
maior,
o jogo mágico
que se joga
com pedras sagradas,
pedaços da alma,
enluarados cristais.

Estrada que atravessa
abismos, cavernas, oceanos,
as mais altas montanhas,
e deságua no outro.
Dentro dos seus sonhos,
Dentro da sua noite.

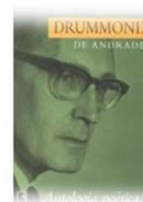


(*) in: Roseana Murray. *Caminhos da Magia*, 2001.

Igor Daniel Báculo

INCONFESSO DESEJO (*)

Queria ter coragem
Para falar deste segredo
Queria poder declarar ao mundo
Este amor
Não me falta vontade
Não me falta desejo



Você é minha vontade
 Meu maior desejo
 Queria poder gritar
 Esta loucura saudável
 Que é estar em teus braços
 Perdido pelos teus beijos
 Sentindo-me louco de desejo
 Queria recitar versos
 Cantar aos quatros ventos
 As palavras que brotam
 Você é a inspiração
 Minha motivação
 Queria falar dos sonhos
 Dizer os meus secretos desejos
 Que é largar tudo
 Para viver com você
 Este inconfesso desejo

(*) *in: Carlos Drummond de Andrade. Antologia Poética, 2002.*

Josineide Brito Pereira

AMOR-PERFEITO(*)

Suas cores são as de outrora,
 com muito pouca diferença:
 o roxo foi-se quase embora,
 o amarelo é vaga presença.
 E em cada cor que se evapora
 vê-se a luz do jardim suspensa.
 Tão fina foi a vida sua,
 tão fina é a morte em que descansa!
 Mais transparente do que a lua,
 mais do que as borboletas mansa!
 Tanto o seu perfil atenua
 que, em peso, é menos que a lembrança.



Veludo de divinos teares,
 hoje seda seca e abolida,
 preserva os vestígios solares
 de que era feita a sua vida:
 frágil coração, capilares
 de circulação colorida.
 Se o levantar entre meus dedos,
 pólen de tardes e sorrisos
 cairá com tímidos segredos
 de tempos certos e imprecisos.
 Ó cinco pétalas, ó enredos
 de sentimentais paraísos!
 Mas de leve gota pousada
 no veludo, - mole diamante
 que foi a resposta da amada,
 que foi a pergunta do amante –
 dela não se verá mais nada:
 perdeu-se no vento inconstante.

(*)in: *Cecília Meireles. Poesia Completa, 2001.*

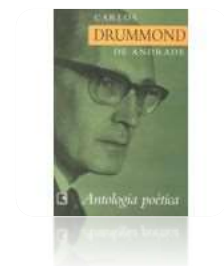
Josineide Brito Pereira

CONFISSÃO (*)

É certo que me repito,
 é certo que me refuto
 e que, decidido, hesito
 no entra-e-sai de um minuto.

É certo que irresoluto
 entre o velho e o novo rito
 atiro à cesta o absoluto
 como inútil papelito.

É tão certo que me aperto



numa tenaz de mosquito
 como é trinta vezes certo
 que me oculto no meu grito.

Certo, certo, certo, certo
 que mais sinto que reflicto
 as fábulas do deserto
 do raciocínio infinito.

É tudo certo e prescrito
 em nebuloso estatuto.
 O homem, chamar-lhe mito
 não passa de anacoluto.

()in: Carlos Drummond de Andrade. Antologia Poética, 2002*

Josineide Brito Pereira

ESTRELA DA MANHÃ (*)

Eu quero a estrela da manhã
 Onde está a estrela da manhã?
 Meus amigos meus inimigos
 Procurem a estrela da manhã
 Ela desapareceu ia nua
 Desapareceu com quem?
 Procurem por toda a parte
 Digam que sou um homem sem orgulho
 Um homem que aceita tudo
 Que me importa? Eu quero a estrela da manhã
 Três dias e três noites
 Fui assassino e suicida
 Ladrão, pulha, falsário



Virgem mal-sexuada
 Atribuladora dos aflitos
 Girafa de duas cabeças
 Pecai por todos pecai com todos
 Pecai com os malandros
 Pecai com os sargentos
 Pecai com os fuzileiros navais
 Pecai de todas as maneiras
 Com os gregos e com os troianos
 Com o padre e com o sacristão
 Com o leproso de Pouso Alto
 Depois comigo

 Te esperarei com mafuás novenas cavalhadas
 comerei terra e direi coisas de uma ternura tão simples
 Que tu desfalecerás
 Procurem por toda parte
 Pura ou degradada até a última baixaza
 eu quero a estrela da manhã.

(*) *in: Manuel Bandeira. Meus poemas preferidos, 2002.*

Kaio Fernandes S. de Araújo.

METAMORFOSES

Sou o que sou;
 o silencio após o mas
 e o ou

Fui o que fui:
 um ruído entre
 o constrói e o rui.

Fosse o que fosse:
 a ponte (que pena!)
 quebrou-se



Ser o que seria:
já o crepúsculo mal
começa o dia

(*) *in: José Paulo Paes. Melhores Poemas, 2009.*

Kaio Fernandes S. de Araújo.

FAVELÁRIO NACIONAL(*)

1. Prosopopéia

(à memória de Alceu de Amoroso Lima, que me convidou a olhar para as favelas do Rio de Janeiro.)

Quem sou eu para te cantar, favela,
que cantas em mim e para ninguém a noite inteira de sexta
e a noite inteira de sábado
e nos desconheces, como igualmente não te conhecemos?
Sei apenas do teu mau cheiro: baixou em mim na viração,
direto, rápido, telegrama nasal
anunciando morte...melhor, tua vida.

Decoro teus nomes. Eles
joram na enxurrada entre detritos
da grande chuva de janeiro de 1966
em noites e dias e pesadelos consecutivos.
Sinto ,de lembrar, essas feridas descascadas na perna esquerda
chamadas Portão Vermelho, Tucano, Morro do Nhéco,
Sacopã, Cabritos, Guararapes, Barreira do Vasco,
Catacumba catacumbal tonitroante no passado,
e vem logo Urubus e vem logo Esqueleto,
Tabajaras estronda os tambores de guerra,
Cantagalo e Pavão soberbos na miséria,
a succulenta Mangueira escorrendo caldo de samba,
Sacramento... Acorda, Caracol. Atenção, Pretos Forros!
O mundo pode acabar esta noite, não como nas Escrituras se estatui.
Vai desabar, grampiola por grampiola,
trapizonga por trapizonga,
tamanco, violão, trempe, carteira profissional, essas drogas todas,
esses tesouros teus, altas alfaias.

Vai desabar, vai desabar
teto de zinco marchetado de estrelas naturais
e todos, ó ainda inocentes, ó marginais estabelecidos, morreréis
pela ira de Deus, mal governada.

Padecemos este pânico, mas
o que se passa no morro é um passar diferente,
dos própria, código fechado: Não se meta,

paisano dos baixos da Zona Sul.

Tua dignidade é teu isolamento por cima da gente.
 Não sei subir teus caminhos de rato, de cobra e baseado,
 tuas perambeiras, templos de Mamalapunam
 em suspensão carioca.
 Tenho medo. Medo de ti, sem te conhecer,
 medo só de te sentir, encravada
 favela, erispela, mal-do-monte
 na coxa flava do Rio de Janeiro.

Medo: não de tua lâmina nem de teu revolver
 nem de tua manha nem de teu olhar.
 Medo de que sintas como sou culpado
 e culpados somos de pouca ou nenhuma irmandade.
 Custa ser irmão,
 custa abandonar nossos privilégios
 e traçar a planta
 da justa igualdade.
 Somos desiguais
 e queremos ser
 sempre desiguais.

E queremos ser
 bonzinhos benévolos
 comedidamente
 sociologicamente
 mui bem comportados.
 Mas favela, ciao,
 que este nosso papo
 está ficando tão desagradável.
 Vês que perdi o tom e a empáfia do começo?

2. Morte gaivota

O bloco de pedra ameaça
 triturar o presépio de barracos e biroscas.
 Se deslizar, estamos conversados.
 Toda gente lá em cima sabe disso
 e espera o milagre,
 ou, se não houver milagre, o aniquilamento instantâneo,
 enquanto a Geotécnica vai tecendo o aranhol de defesas.
 Quem vence a partida? A erosão caminha
 nos pés dos favelados e nas águas.
 Engenheiros calculam. Fotógrafos
 esperam a catástrofe. Deus medita
 qual o melhor desfecho, senão essa
 eterna expectativa de desfecho.

O morro vem abaixo esta semana

de dilúvio
ou será salvo por Oxosse?

Diáfana, a morte paira no esplendado sol no zinco.
Morte, companheira. Morte,
colar no pescoço da vida.
Morte com paisagem marítima,
gaivota,
estrela,
talagada na manhã de frio
entre porcos, galinhas e cabritos.
Tão presente, tão íntima que ninguém repara
no seu hálito.
Um dia, possivelmente madrugada de trovões,
virá tudo de roldão
sobre nossa ultra, semi ou nada civilizadas cabeças
espectadoras
e as classes se unirão entre os escombros.

3. Urbaniza-se? Remove se?

São 200, são 300
as favelas cariocas?
tempo gasto em conta-las
é tempo de outras surgirem.
800 mil favelados
ou já passa de um milhão?
Enquanto se contam, ama-se
em barraco e a céu aberto,
novos seres se encomendam
ou nascem à revelia.
Os que mudam, os que somem,
os que são mortos a tiro
são logo substituídos.
Onde haja terreno vago
onde ainda não se ergueu
um caixotão de cimento
esguio (mas vai-se erguer)
surgem trapos e tarecos,
sobre fumaça de lenha
em jantar improvisado.

Urbaniza-se? Remove-se?
Extingue-se a pau e fogo?
Que fazer com tanta gente
brotando do chão, formigas
de formigueiro infinito?
Ensinar-lhes paciência,
conformidade, renúncia?
Cadastrá-los e fichá-los

para fins eleitorais?
 Prometer-lhes a sonhada,
 mirífica, róseo-futura
 distribuição (oh) de renda?
 Deixar tudo como está
 para ver como é que fica?
 Em seminários, simpósios,
 comissões, congressos, cúpulas
 de alta vaniloqüência
 elaborar a perfeita
 e divina solução?

Um som de samba interrompe
 tão sérias cogitações,
 e a cada favela extinta
 ou em vila transformada,
 com direito a pagamento
 de Comlurb, ISS, Renda,
 outra aparece, larvar,
 rastejante, desafiante,
 de gente que nem a gente,
 desejante, suspirante,
 ofegante, lancinante.
 O mandamento da vida
 explode em riso e ferida.

4. Feliz

De que morreu Lizélia no Tucano ?
 Da avalanche de lixo no barraco.
 Em seu caixão de lixo e lama ela dormiu
 sono mais perfeito de sua vida.

5. O nome

Me chamam bonfim. A terra é boa,
 não se paga aluguel, pois é do Estado,
 que não toma tenência dessas coisas
 por enquanto. Na vala escorre
 a merda dos barracos. Tem verme
 n'água e n'alma. A gente se acostuma.
 A gente não paga nada prá morar,
 como ia reclamar?

Meu nome é Bonfim. Bonfim geral.
 Que mais eu sonho?

6. Matança dos inocentes

Meu nome é Rato Molhado.

Meus porcos foram todos sacrificados
para acabar com a peste dos porcos.
Fiquei sem saúde e sem eles.
Uma por uma ou todas de uma vez
pereceram minhas riquezas. Em Inhaúma
sobram meus ratos incapturáveis.

7. Faz Depressa

Aqui se chama Faz Depressa
porque depressa se desfaz
a casa feita num relâmpago
em chão incerto, deslizante.
Tudo se faz aqui depressa.
Até o amor. Até o fumo.
Até, mais depressa, a morte.
Ainda mesmo se não se apressa,
a morte é sempre uma promessa
de decisão geral expressa.

8. Guaiamu

Vimos de Minas, sim senhor,
fugindo da cerca braba lá do Norte.
Em riba de cinco estacas fincadas no mangue
a gente acha que vive
com a meia graça de Deus Pai Nosso Senhor.
Diz - que isto aqui tem nome Nova Holanda.
Eu não dou fé, nem sei onde é Holanda velha.
Me dirijo à Incelência: Isso é mar?
Mar, essa porcaria que de tarde
a onda vem e limpa mais ou menos,
e volta a ser porcaria, porcamente?
Vossa Senhoria tá pensando
que a gente passa bem de guaiamu
no almoço e na janta repetido?
Guaiamu sumiu faz tempo.
Aqui só vive gente, bicho nenhum
tem essa coragem.
Espia a barriga,
espia a barriga estufada dos meninos, a barriga cheia de vazio,
de Deus sabe o quê.
Ele não podendo sustentar todo mundo
pelo menos faz inchar a barriga até este tamanho.

9. Olheiros

Pipa empinada ao sol da tarde,
sinal que polícia vem subindo.
Sem pipa, sem vento,



sem tempo de empinar,
 assovio fino vara o morro,
 torna o corpo invisível, imbatível.

10. Sabedoria

Deixa cair o barraco, Ernestilde,
 deixa rolar encosta abaixo, Ernestilde,
 deixa a morte vir voando, Ernestilde,
 deixa a sorte brigar com a morte, Ernestilde.
 Melhor que obrigar a gente, Ernestilde,
 a viver sem competência, Ernestilde,
 no áureo, remoto, mítico
 - lúgubre

12. Desfavelado

Me tiraram do meu morro
 me tiraram do meu cômodo
 me tiraram do meu ar
 me botaram neste quarto
 multiplicado por mil
 quartos de casas iguais.
 Me fizeram tudo isso
 para o meu bem. E meu bem
 ficou lá no chão queimado
 onde eu tinha o sentimento
 de viver como queria
 no lugar onde queria
 não onde querem que eu viva
 aporrinhado devendo
 prestação mais prestação
 da casa que não comprei
 mas compraram para mim.
 Me firmo, triste e chateado,
 Desfavelado.

13. Banquete

Dia sim dia não, o caminhão
 despeja 800 quilos de galinha podre,
 restos de frigorífico,
 no pátio do matruco,
 bem na cara do Morro da Caixa d'Água
 e do morro do Tuiuti.
 O azul das aves é mais sombrio
 que o azul do céu, mas sempre azul
 conversível em comida.
 Baixam favelados deslumbrados,
 cevam-se no monturo.

Que morador resiste
à sensualidade de comer galinha azul?

14. Aqui, ali, por toda parte

As favelas do Rio transbordam sobre Niterói
e o Espírito Santo fornece novas penças de favelados.
Morro do Estado ostenta sem vexame sua porção de miséria.
Fonseca, Nova Brasília (sem ironia)
estão dizendo: "Um terço da população urbana
selou em nós a fraternidade de não possuir bens terrestres."
Os verdes suspensos da Serra em Belo Horizonte
envolvem de paisagem os barracos da Cabeça de Porco.
Se não há torneiras, canos de esgoto, luz elétrica,
e o lixo é atirado no ar e a enchente carrega tudo, até os vivos,
resta o orgulho de ter aos pés os orgulhosos edifícios do Centro.
Belo Horizonte, dor minha muito particular.
Entre favelas e alojamentos eternamente provisórios de favelados expulsos
(pois carece de manda-los para "qualquer parte", pseudônimo do Diabo),
São Paulo cresce impertubavelmente em esplendor e pobreza,
com 20 mil favelados no ABC.
Em Salvador, os alagados jungidos à última condição humana
colhem, risonhos, a chuva de farinha, macarrão e feijão
que jorra da visita do Presidente.
No Recife...
quando se aterra o mangue
fogem os miseráveis para as colinas
entre dois rios. E tudo continua
com outro nome.

15. Indagação

Antes que me urbanizem a régua, compaso,
computador, cogito, pergunto, reclamo:
Porque não urbanizam antes
a cidade?
Era tão bom que houvesse uma cidade
na cidade lá embaixo.

16. Dentro de nós

Guarda estes nomes: bidonville, taudis, slum,
wich-town, sanky-town,
callampas, cogumelos, corraldas
hongos, barrio paracaidista, jacale,
cantegril, bairro de lata, gourbville,
champa, court, villa miseria,
favela.
Tudo a mesma coisa, sob o mesmo sol,
por este largo estreito do mundo.

Isto consola?
 É inevitável, é prescrito,
 lei que não se pode revogar
 nem desconhecer?
 Não, isto é medonho,
 faz adiar nossa esperança
 da coisa ainda sem nome
 que nem partidos, ideologias, utopias
 sabem realizar.
 Dentro de nós é que a favela cresce
 e, seja discurso, decreto, poema
 que contra ele se levante,
 não para de crescer.

17. Palafitas

Este nasce no mangue, este vive no mangue.
 No mangue não morrerá.
 maravilhoso projeto X vai aterrar o mangue.
 Vai remover famílias que têm raízes no mangue
 e fazer do mangue área produtiva.
 O homem entristece.
 Aquilo é sua pátria,
 aquele, seu destino,
 seu lodo certo e garantido.

18. Cidade grande

Que beleza, Montes Claros.
 Como cresceu Montes Claros.
 Quanta indústria em Montes Claros.
 Montes Claros cresceu tanto,
 ficou urbe notória,
 prima-rica do Rio de Janeiro,
 que já tem cinco favelas
 por enquanto, e mais promete.

19. Confronto

A suntuosa Brasília, a esqualida Ceilândia
 contemplam-se. Qual delas falará
 primeiro? Que tem a dizer ou a esconder
 uma em face da outra? Que mágoas, que ressentimentos
 prestes a saltar da goela coletiva
 e não se exprimem? Por que Ceilândia fere
 majestoso orgulho da flórea Capital?
 Por que Brasília resplandece
 ante a pobreza exposta dos casebres
 de Ceilândia,
 filhos da majestade de Brasília?

E pensam-se, remiram-se em silêncio
as gêmeas criações do gênio brasileiro.

20. Gravura baiana

Do alto do Morro de Santa Luzia,
Nossa Senhora de Alagados, em sua igreja nova,
abençoa o viver pantanoso dos fiéis.
Por aqui andou o Papa, abençoou também.
A miséria, irmãos, foi dignificada.
Planejar na Terra a solução
fica obsoleto. Sursum corda!
Haverá um céu privativo dos miseráveis.

21. A maior

A maior! A maior!
Qual, enfim, a maior
favela brasileira?
A rocinha carioca?
Alagados, baiana?
Um analista indaga:
Em área construída
(se construção se chama
o sopro sobre a terra
movediça, volúvel,
ou sobre água viscosa)? A maior, em viventes,
bichos, homens, mulheres?
Ou maior em oferta de mão-de-obra fácil?
Maior em aparelhos
de rádio e de tevê?
Maior em esperança
ou maior em descrença?
A maior em paciência,
a maior em canção,
rainha das favelas,
imperatriz-penúria?
Tantos itens... O júri
declara-se perplexo
e resolve esquivar-se
a qualquer veredicto,
pois que somente Deus
(ou melhor, o Diabo)
é capaz de saber
das mores, a maior.



(*) in: *Carlos Drummond de Andrade. Corpo Novos Poemas, 1984.*

Ausência (*)

Por muito tempo achei que a ausência é falta.
 E lastimava, ignorante, a falta.
 Hoje não a lastimo.
 Não há falta na ausência.
 A ausência é um estar em mim.
 E sinto-a, branca, tão pegada, aconchegada nos meus braços,
 que rio e danço e invento exclamações alegres,
 porque a ausência, essa ausência assimilada,
 ninguém a rouba mais de mim.

(*) *in: Carlos Drummond de Andrade. Antologia Poética, 2001.*

Kevin dos Santos

TERNURA (*)

Eu te peço perdão por te amar de repente
 Embora o meu amor seja uma velha canção nos teus ouvidos
 Das horas que passei à sombra dos teus gestos
 Bebendo em tua boca o perfume dos sorrisos
 Das noites que vivi acalentado
 Pela graça indizível dos teus passos eternamente fugindo
 Trago a doçura dos que aceitam melancolicamente.
 E posso te dizer que o grande afeto que te deixo
 Não traz o exaspero das lágrimas nem a fascinação das promessas
 Nem as misteriosas palavras dos véus da alma...
 É um sossego, uma unção, um transbordamento de carícias
 E só te pede que te repouses quieta, muito quieta
 E deixes que as mãos cálidas da noite encontrem sem fatalidade o olhar
 [extático da aurora.



(*) *in: Vinicius de Moraes. Antologia Poética, 2005.*

Klênia Justino de Almeida

SONETO DE FIDELIDADE(*)

De tudo, ao meu amor serei atento antes
 E com tal zelo, e sempre, e tanto
 Que mesmo em face do maior encanto
 Dele se encante mais meu pensamento

Quero vivê-lo em cada vão momento
 E em seu louvor hei de espalhar meu canto
 E rir meu riso e derramar meu pranto
 Ao seu pesar ou seu contentamento

E assim quando mais tarde me procure
 Quem sabe a morte, angústia de quem vive
 Quem sabe a solidão, fim de quem ama

Eu possa lhe dizer do amor (que tive):
 Que não seja imortal, posto que é chama
 Mas que seja infinito enquanto dure.

(*) in: Vinicius de Moraes. *Antologia Poética*, 2005.

Klenia Justino de Almeida

CANÇÃO PARA A AMIGA DORMINDO(*)

Dorme, amiga, dorme
 Teu sono de rosa
 Uma paz imensa
 Desceu nesta hora.
 Cerra bem as pétalas
 Do teu corpo imóvel
 E pede silêncio
 Que não vá embora.



Dorme, amiga, o sono
 Teu de menininha
 Minha vida é a tua
 Tua morte é a minha.
 Dorme e me procura
 Na ausente paisagem...
 Nela a minha imagem
 Restará mais pura.

Dorme, minha amada
 Teu sono de estrela
 Nossa morte, nada
 Poderá detê-la.
 Mas dorme, que assim
 Dormirás um dia
 Na minha poesia
 De um sono sem fim...

(*)in: *Vinicius de Moraes. Antologia Poética, 2005.*

Klenia Justino de Almeida

FILENA OU A SAUDADE(*)

(Idílio Pastoril)

Que terna, que saudosa cantilena
 Ao som da lira Melibeu soltava,
 O pastor Melibeu, que por Filena,
 Pela branca Filena em vão chorava!
 Inda me fere o peito aguda pena,
 Quando recordo os ais, que o triste dava,
 O pranto que vertia, amargo, e justo
 À sombra, que ali faz aquele arbusto.



Tu, maviosa a choros, e a clamores,
Tu, Vénus (Vénus só na formosura)
Luz de meus olhos, únicos amores
Desta alma, e seu prazer, sua ventura;
Que reclinada, amarrotando as flores,
Descansas em meu peito a face pura,
Ouve-me os ais, e as queixas de outro amante.
Que ao teu no ardente extremo é semelhante.
"Céus! (assim começou, e eu escondido
Entre as copadas árvores o ouvia)
Por vós em duras mágoas convertido
Vejo enfim todo o bem, que possuía:
À cândida Filena estar unido
Julgastes que um pastor não merecia:
A mais doce prisão de Amor partistes.
Ajuda, triste lira, os versos tristes.
Mal haja a lei dos fados inclemente!
O seu poder, o seu rigor praguejo:
Morte! Geral verdugo! Estás contente?
Já saciaste o sôfrego desejo?...
Mas Filena inda é viva, inda me sente
Suspirar nos seus braços: inda a beijo!...
Ah meus olhos, morreu: sem alma a vistes.
Ajuda, triste lira, os versos tristes.
Em ti, cara Filena, a sepultura
Tem de Amor, tem das Graças o tesouro;
Ali te arranca a morte acerba, e dura
Da mimosa cabeça as tranças de ouro:
Eis terra, eis cinza, eis nada a formosura...
Ah! Que não pude perceber o agouro
Com que esta perda, oh fados, me advertistes!
Ajuda, triste lira, os versos tristes.
Um dia, há tempos, Lénia, a feiticeira,
Me disse: 'Grande mal te está guardado!'

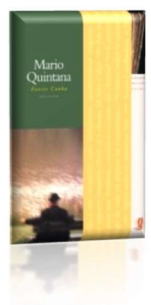
Não mo quis declarar, e ave agoureira
De noite me piou sobre o telhado:
Cuidei que perderia a sementeira,
O rebanho, o rafeiro... ah desgraçado!
Perdeste mais, e a tanto inda resistes!
Ajuda, triste lira, os versos tristes.
A tua meiga voz, o teu carinho
Maior falta me faz, minha Filena,
Que lá no bosque ao rouxinol sôzinho
Da presa amiga a doce cantilena:
O teu branco, amoroso cordeirinho,
Mal que se viu sem ti, morreu de pena:
Balar saudoso, á montes, vós o ouvistes.
Ajuda, triste lira, os versos tristes.
O meu rebanho definhou de sorte,
Depois que te perdi, que anda caindo;
Seca estes campos o hálito da Morte
Desde que ela sumiu teu gesto lindo:
Rogo-lhe vezes mil, que me transporte
Lá onde, como estrela, estás luzindo,
Lá onde alegre para sempre existes.
Ajuda, triste lira, os versos tristes.
A roseira também, que tu plantaste,
Teu prazer, e prazer da Natureza,
Murchou-se logo assim que te murchaste,
Oh flor na duração, flor na beleza!
A pequenina rola, que apanhaste,
Não comeu mais, finou-se de fraqueza:
Porque blasfémia, ó deuses, me punistes?
Ajuda, triste lira, os versos tristes.
Já pelas selvas, ao raiar da aurora,
Caçando, as tenras aves não persigo;
Tudo me anseia, me enfastia agora,
Nem sofro os que por dó vêm ter comigo:

Figura-me a saudade a toda a hora
 Ternas delícias, que logrei contigo.
 Ah! Quão depressa, gostos meus, fugistes!
 Ajuda, triste lira, os versos tristes.
 Como as formigas pelo chão, no Estio,
 Ou como as folhas pelo chão, de Inverno,
 No aflito coração, que em ais te envio,
 Jazem penas cruéis, quais as do Inferno:
 Ora me sinto arder, outr' hora esfrio,
 Desfaz-me em ânsias um veneno interno:
 Talvez meus pés, oh víboras, feristes!
 Ajuda, triste lira, os versos tristes.
 Nos troncos, e nos mármore gravemos
 Memórias de Filena idolatrada,
 Tão digna de suspiros, e de extremos,
 De tantos corações tão cobiçada:
 Amor! Amor! Seu nome eternizemos...
 Ai, que me falta a voz! Socorro, amada;
 Conforta-me dos Céus, aonde assistes!
 Não mais, á triste lira, ó versos tristes."
 (*) *In: Bocage. Os melhores poemas, 1993.*

Klênia Justino de Almeida

Certezas(*)

Não quero alguém que morra de amor por mim...
 Só preciso de alguém que viva por mim, que queira estar junto de mim, me abraçando.
 Não exijo que esse alguém me ame como eu o amo, quero apenas que me ame, não me importando com que intensidade.
 Não tenho a pretensão de que todas as pessoas que gosto, gostem de mim...
 Nem que eu faça a falta que elas me fazem, o importante pra mim é saber que eu, em algum momento, fui insubstituível... E que esse momento será



inesquecível..

Só quero que meu sentimento seja valorizado.

Quero sempre poder ter um sorriso estampado em meu rosto, mesmo quando a situação não for muito alegre... E que esse meu sorriso consiga transmitir paz para os que estiverem ao meu redor.

Quero poder fechar meus olhos e imaginar alguém... e poder ter a absoluta certeza de que esse alguém também pensa em mim quando fecha os olhos, que faço falta quando não estou por perto.

Queria ter a certeza de que apesar de minhas renúncias e loucuras, alguém me valoriza pelo que sou, não pelo que tenho...

Que me veja como um ser humano completo, que abusa demais dos bons sentimentos que a vida lhe proporciona, que dê valor ao que realmente importa, que é meu sentimento... e não brinque com ele.

E que esse alguém me peça para que eu nunca mude, para que eu nunca cresça, para que eu seja sempre eu mesmo.

Não quero brigar com o mundo, mas se um dia isso acontecer, quero ter forças suficientes para mostrar a ele que o amor existe...

Que ele é superior ao ódio e ao rancor, e que não existe vitória sem humildade e paz.

Quero poder acreditar que mesmo se hoje eu fracassar, amanhã será outro dia, e se eu não desistir dos meus sonhos e propósitos, talvez obterei êxito e serei plenamente feliz.

Que eu nunca deixe minha esperança ser abalada por palavras pessimistas...

Que a esperança nunca me pareça um "não" que a gente teima em maquiá-lo de verde e entendê-lo como "sim".

Quero poder ter a liberdade de dizer o que sinto a uma pessoa, de poder dizer a alguém o quanto ele é especial e importante pra mim, sem ter de me preocupar com terceiros... Sem correr o risco de ferir uma ou mais pessoas com esse sentimento.

Quero, um dia, poder dizer às pessoas que nada foi em vão... Que o amor existe, que vale a pena se doar às amizades e às pessoas, que a vida é bela sim, e que eu sempre dei o melhor de mim... e que valeu a pena.

(*) *in: Mario Quintana. Os melhores poemas, 2009.*

RECOMEÇAR (*)

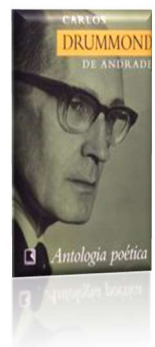
Não importa onde você parou...
em que momento da vida você cansou...
o que importa é que sempre é possível e
necessário “Recomeçar”.

Recomeçar é dar uma nova chance a si mesmo...
é renovar as esperanças na vida e o mais importante...
acreditar em você de novo.
Sofreu muito nesse período?
foi aprendizado...
Chorou muito?
foi limpeza da alma...

Ficou com raiva das pessoas?
foi para perdoá-las um dia...

Sentiu-se só por diversas vezes?
é porque fechaste a porta até para os anjos...
Acreditou que tudo estava perdido?
era o início da tua melhora...
Pois é...agora é hora de reiniciar...de pensar na luz...
de encontrar prazer nas coisas simples de novo.
Que tal
Um corte de cabelo arrojado...diferente?
Um novo curso...ou aquele velho desejo de aprender a
pintar...desenhar...dominar o computador...
ou qualquer outra coisa...

Olha quanto desafio...quanta coisa nova nesse mundão de meu Deus
te
esperando.



Tá se sentindo sozinho?
besteira...tem tanta gente que você afastou com o
seu “período de isolamento”...
tem tanta gente esperando apenas um sorriso teu
para “chegar” perto de você.

Quando nos trancamos na tristeza...
nem nós mesmos nos suportamos...
ficamos horríveis...
o mal humor vai comendo nosso fígado...
até a boca fica amarga.
Recomeçar...hoje é um bom dia para começar novos
desafios.

Onde você quer chegar? ir alto...sonhe alto... queira o
melhor do melhor... queira coisas boas para a vida... pensando assim
trazemos prá nós aquilo que desejamos... se pensamos pequeno...
coisas pequenas teremos...
já se desejarmos fortemente o melhor e principalmente
lutarmos pelo melhor...

o melhor vai se instalar na nossa vida.
E é hoje o dia da faxina mental...
joga fora tudo que te prende ao passado... ao mundinho
de coisas tristes...
fotos...peças de roupa, papel de bala...ingressos de
cinema, bilhetes de viagens... e toda aquela tranqueira que guardamos
quando nos julgamos apaixonados... jogue tudo fora... mas principalmente...
esvazie seu coração... fique pronto para a vida... para um novo amor... Lembre-se
somos apaixonáveis... somos sempre capazes de amar muitas e muitas vezes...
afinal de contas... Nós somos o “Amor”...

” Porque sou do tamanho daquilo que vejo, e não do tamanho da minha altura.”

(*) *in: Carlos Drummond de Andrade. Antologia Poética, 2001.*

Luíza Alegria Francisco

ROMANTISMO (*)

Quem tivesse um amor, nesta noite de lua,
para pensar um belo pensamento
e pousá-lo no vento!

Quem tivesse um amor - longe, certo e impossível -
para se ver chorando, e gostar de chorar,
e adormecer de lágrimas e luar!

Quem tivesse um amor, e, entre o mar e as estrelas,
partisse por nuvens, dormente e acordado,
levitando apenas, pelo amor levado...

Quem tivesse um amor, sem dúvida e sem mácula,
sem antes nem depois: verdade e alegoria...
Ah! quem tivesse... (Mas, quem teve? quem teria?)

(*) *in: Cecília Meireles. Melhores Poemas, 2002.*

Luíza Alegria Francisco

Timidez (*)

Basta-me um pequeno gesto,
feito de longe e de leve,
para que venhas comigo
e eu para sempre te leve. . .

— mas só esse eu não farei.



Uma palavra caída
 das montanhas dos instantes
 desmancha todos os mares
 e une as terras mais distantes..

— palavra que não direi.

Para que tu me adivinhes,
 entre os ventos taciturnos,
 apago meus pensamentos,
 ponho vestidos noturnos,

— que amargamente inventei.

E, enquanto não me descobres,
 os mundos vão navegando
 nos ares certos do tempo,
 até não se sabe quando...

— e um dia me acabarei.

(*)in: *Cecília Meireles. Melhores Poemas, 2002.*

Luíza Alegria Francisco

Lua Adversa(*)

Tenho fases, como a lua,
 Fases de andar escondida,
 fases de vir para a rua...
 Perdição da minha vida!
 Perdição da vida minha!
 Tenho fases de ser tua,
 tenho outras de ser sozinha.



Fases que vão e que vêm,
no secreto calendário
que um astrólogo arbitrário
inventou para meu uso.

E roda a melancolia
seu interminável fuso!

Não me encontro com ninguém
(tenho fases, como a lua...)
No dia de alguém ser meu
não é dia de eu ser sua...
E, quando chega esse dia,
o outro desapareceu...

(*) in: *Cecília Meireles. Melhores Poemas, 2002.*

Luíza Alegria Francisco

O NARIZ DO MORTO(*)

_Olha *O nariz do Morto!* – que nariz
e que morto? Que piada mais sem graça
é está? – Não senhor. É o Vilaça
(Antônio Carlos) com seu livro duro
e triste, machucante – almofariz
em que mói a si próprio e se destrói,
para ressuscitar ainda à procura
de seu rumo, indefesa criatura
solta ao vento da vida. Quer a paz?
Quer a guerra interior, ou foge dela?



Entre cacos de vida, Sigismundo,
 numa doçura mista de amargor,
 de letras e leituras faz seu mundo.
 Há de salvá-lo, não a fé; talvez
 O raio impresentido de um amor.

(*) *in: Carlos Drummond de Andrade. Antologia Poética, 2001.*

Pietro Rodrigues de Souza Marques

A PAISAGEM NO LIMITE (*)

Este mundo não existe
 existe sim, hoje fundado
 por Maria Teresa Vieira:
 uma proposta de alegria,
 de comunhão em cores altas,
 de vida atenta à vibração
 de cristalinos sinos mágicos.
 Suas paisagens são províncias
 esperando nossa visita:
 fluorescentes longe do tédio,
 da violência e do desamor,
 no limite pairam do sonho,
 onde novo real se inaugura
 no coração mesmo da cor.



(*) *in: Discurso de Primavera e Algumas Sombras, 2006.*

Pietro Rodrigues de Souza Marques

VISÃO DE CLARICE LISPECTOR (*)

Clarice,
veio de um mistério, partiu para outro.

Ficamos sem saber a essência do mistério.
Ou o mistério não era essencial,
era Clarice viajando nele.

Era Clarice bulindo no fundo mais fundo,
onde a palavra parece encontrar
sua razão de ser, e retratar o homem.

O que Clarice disse, o que Clarice
viveu por nós em forma de história
em forma de sonho de história
em forma de sonho de sonho de história
(no meio havia uma barata
ou um anjo?)
não sabemos repetir nem inventar.
São coisas, são jóias particulares de Clarice
que usamos de empréstimo, ela dona de tudo.

Clarice não foi um lugar-comum,
carteira de identidade, retrato.
De Chirico a pintou? Pois sim.

O mais puro retrato de Clarice
só se pode encontrá-lo atrás da nuvem
que o avião cortou, não se percebe mais.

De Clarice guardamos gestos. Gestos,
tentativas de Clarice sair de Clarice
para ser igual a nós todos
em cortesia, cuidados, providências.
Clarice não saiu, mesmo sorrindo.
Dentro dela
o que havia de salões, escadarias,
tetos fosforescentes, longas estepes,
zimbórios, pontes do Recife em bruma envoltas,
formava um país, o país onde Clarice
vivia, só e ardente, construindo fábulas.



Não podíamos reter Clarice em nosso chão
 salpicado de compromissos. Os papéis,
 os cumprimentos falavam em agora,
 edições, possíveis coquetéis
 à beira do abismo.
 Levitando acima do abismo Clarice riscava
 um sulco rubro e cinza no ar e fascinava.

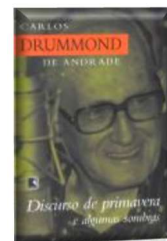
Fascinava-nos, apenas.
 Deixamos para compreendê-la mais tarde.
 Mais tarde, um dia... saberemos amar Clarice.

(*) *in: Carlos Drummond de Andrade. Discurso de Primavera e Algumas Sombras, 2006.*

Pietro Rodrigues de Souza Marques

KREEN-AKARORE(*)

Gigante que recusas
 encarar-me nos olhos,
 apertar minha mão
 temendo que ela seja
 uma faca, um veneno,
 uma tocha de incêndio;
 gigante que me foges,
 légua depois de légua,
 e se deixo os sinais
 de minha simpatia,
 os destróis: tens razão.
 Malgrado meu desejo
 de declarar-te irmão
 e contigo fruir
 alegrias fraternas,
 só tenho para dar-te
 em turvo condomínio
 o pesadelo urbano



de ferros e fúrias
 em contínuo combate
 na esperança de paz
 -uma paz que se esconde
 e se furta e se apaga
 medusada de medo,
 como tu, akarore,
 na espessura da mata
 ou no espelho sem fala
 das águas do Jarina.

(*) *in: Carlos Drummond de Andrade. Discurso de Primavera e Algumas Sombras, 2006.*

Pietro Rodrigues de Souza Marques

A MORTE(*)

- Rio de Janeiro , 1954

A morte vem de longe
 Do fundo dos céus
 Vem para os meus olhos
 Virá para os teus
 Desce das estrelas
 Das brancas estrelas
 As loucas estrelas
 Trânsfugas de Deus
 Chega impresentida
 Nunca inesperada
 Ela que é na vida
 A grande esperada!
 A desesperada
 Do amor fratricida
 Dos homens, ai! dos homens



Que matam a morte
Por medo da vida.

(*) In: *Vinicius de Moraes. Nova Antologia Poética, 2008.*

Rodrigo José da Silva.

A UM PASSARINHO (*)

- Rio de Janeiro , 1946

Para que vieste
Na minha janela
Meter o nariz?
Se foi por um verso
Não sou mais poeta
Ando tão feliz!
Se é para uma prosa
Não sou Anchieta
Nem venho de Assis.

Deixa-te de histórias
Some-te daqui!

(*) in: *Vinicius de Moraes. Nova Antologia Poética, 2008.*

Rodrigo José da Silva



VISITA À CASA PATERNA (*)

Guimarães Júnior

Como a ave que volta ao ninho antigo,
Depois de um longo e tenebroso inverno,
Eu quis também rever o lar paterno,
O meu primeiro e virginal abrigo.

Entrei. Um gênio carinhoso e amigo,
O fantasma, talvez, do amor materno,
Tomou-me as mãos — olhou-me grave e terno,
E, passo a passo, caminhou comigo.

Era esta a sala... (Oh! se me lembro! e quanto!)
Em que, da luz noturna à claridade,



Minhas irmãs e minha Mãe... O pranto

Jorrou-me em ondas... Resistir quem há de?
— Uma ilusão gemia em cada canto,
Chorava em cada canto uma saudade...

(*)in: *Manuel Bandeira. Apresentação da poesia brasileira, reedição, 2014.*

Sérgio Henrique

DESENCANTO(*)

Eu faço versos como quem chora
De desalento... de desencanto...
Fecha o meu livro, se por agora
Não tens motivo nenhum de pranto.

Meu verso é sangue. Volúpia ardente...
Tristeza esparsa... remorso vão...
Dói-me nas veias. Amargo e quente,
Cai, gota a gota, do coração.

E nestes versos de angústica rouca,
Assim dos lábios a vida corre,
Deixando um acre sabor na boca.

- Eu faço versos como quem morre.

(*)in: *Manuel Bandeira. Meus poemas preferidos, 2002.*



Sérgio Henrique

IMPROVISO DO AMOR-PERFEITO (*)

Naquela nuvem, naquela,
mando-te meu pensamento:
que Deus se ocupe do vento.

Os sonhos foram sonhados,
e o padecimento aceito.
E onde estás, Amor-Perfeito ?

Imensos jardins da insônia,
de um olhar de despedida
deram flor por toda a vida.

Ai de mim que sobrevivo
sem o coração no peito.
E onde estás, Amor-Perfeito ?

Longe, longe, atrás do oceano
que nos meus olhos se alteia,
entre pálpebras de areia...

Longe, longe... Deus te guarde
sobre o seu lado direito,
como eu te guardava do outro,
noite e dia, Amor-Perfeito.

(*) *in: Cecília Meireles. Antologia Poética, 2001.*

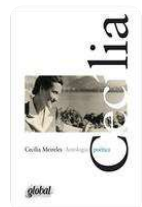
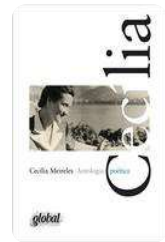
Wanessa de Melo Fontinele.

NÃO: JÁ NÃO FALO DE TI (*)

Não: já não falo de ti, já não sei de saudades.
Feche-se o coração como um livro, cheio de imagens,
de palavras adormecidas, em altas prateleiras,
até que o pó desfaça o pobre desespero sem força,
que um dia, pode ser, parece tão terrível.

A aranha dorme em sua teia, lá fora, entre a roseira e o muro.
Resplandecem os azulejos- e tudo quanto posso ver.
O resto é imaginado, e não coincide, e é temerário
cismar. Talvez se as pálpebras pudessem
inventar outros sonhos, não de vida...

Ah! rompem-se na noite ardentes violas,



pelo ar e pelo frio subitamente roçadas.
 Por onde pascerão, nestes céus invioláveis,
 nossas perguntas com suas crinas de séculos arrastando-se...
 Não só de amor a noite transborda mas de terríveis
 crueldades, loucuras, de homicídios mais verdadeiros.

Os homens de sangue estão nas esquinas resfolegando,
 e os homens da lei sonolentos movem letras
 sobre imensos papéis que eles mesmos não entendem...
 Ah! que rosto amaríamos ver inclinar-se na aérea varanda?
 Nem os santos podem mais nada. Talvez os anjos abstratos
 da álgebra e da geometria.

(*)in: *Cecília Meireles. Poemas, 1997.*

Wanessa de Melo Fontinele.

As Sem Razões do Amor (*)

Eu te amo porque te amo.
 Não precisas ser amante,
 e nem sempre sabes sê-lo.
 Eu te amo porque te amo.
 Amor é estado de graça
 e com amor não se paga.

Amor é dado de graça,
 é semeado no vento,
 na cachoeira, no eclipse.
 Amor foge a dicionários
 e a regulamentos vários.

Eu te amo porque não amo
 bastante ou de mais a mim.



Porque amor não se troca,
 não se conjuga nem se ama.
 Porque amor é amor a nada,
 feliz e forte em si mesmo.

Amor é primo da morte,
 e da morte vencedor,
 por mais que o matem (e matam)
 a cada instante de amor.

(*) *in: Carlos Drummond de Andrade. Amar se aprende amando, 2001.*

Wanessa de Melo Fontinele.

NO MEIO DO CAMINHO(*)

No meio do caminho tinha uma pedra
 Tinha uma pedra no meio do caminho
 Tinha uma pedra
 No meio do caminho tinha uma pedra.
 Nunca me esquecerei desse acontecimento
 Na vida de minhas retinas tão fatigadas.
 Nunca me esquecerei que no meio do caminho
 Tinha uma pedra
 Tinha uma pedra no meio do caminho
 No meio do caminho tinha uma pedra.



(*) *in: Carlos Drummond de Andrade. Antologia Poética, 1996.*

Paulo Emílio Alves Gaspar

O LUTADOR (*)

Lutar com palavras
 é a luta mais vã.
 Entanto lutamos

mal rompe a manhã.
São muitas, eu pouco.
Algumas, tão fortes
como o javali.
Não me julgo louco.
Se o fosse, teria
poder de encantá-las.
Mas lúcido e frio,
apareço e tento
apanhar algumas
para meu sustento
num dia de vida.
Deixam-se enlaçar,
tontas à carícia
e súbito fogem
e não há ameaça
e nem há sevícia
que as traga de novo
ao centro da praça.

Insisto, solerte.
Busco persuadi-las.
Ser-lhes-ei escravo
de rara humildade.
Guardarei sigilo
de nosso comércio.
Na voz, nenhum travo
de zanga ou desgosto.
Sem me ouvir deslizam,
perpassam levíssimas
e viram-me o rosto.
Lutar com palavras
parece sem fruto.
Não têm carne e sangue...



Entretanto, luto.

Palavra, palavra
(digo exasperado),
se me desafia,
aceito o combate.
Quisera possuir-te
neste descampado,
sem roteiro de unha
ou marca de dente
nessa pele clara.
Preferes o amor
de uma posse impura
e que venha o gozo
da maior tortura.

Luto corpo a corpo,
luto todo o tempo,
sem maior proveito
que o da caça ao vento.
Não encontro vestes,
não seguro formas,
é fluido inimigo
que me dobra os músculos
e ri-se das normas
da boa peleja.

Iludo-me às vezes,
pressinto que a entrega
se consumará.
Já vejo palavras
em coro submisso,
esta me ofertando
seu velho calor,

aquela sua glória
feita de mistério,
outra seu desdém,
outra seu ciúme,
e um sapiente amor
me ensina a fruir
de cada palavra
a essência captada,
o sutil queixume.
Mas ai! é o instante
de entreabrir os olhos:
entre beijo e boca,
tudo se evapora.

O ciclo do dia
ora se conclui
e o inútil duelo
jamais se resolve.
O teu rosto belo,
ó palavra, esplende
na curva da noite
que toda me envolve.
Tamanho paixão
e nenhum pecúlio.
Cerradas as portas,
a luta prossegue
nas ruas do sono.

()in: Carlos Drummond de Andrade. José e outros, 2006.*

Paulo Emílio Alves Gaspar

DOR(*)*Enrique González Martínez**Tradução de Manuel Bandeira*

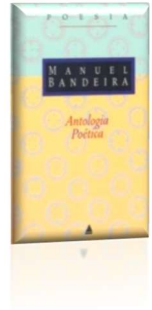
O seu olhar varou-me a alma abismada,
 Fundiu-se em mim, ao minha parecia,
 Que não sei se este alento de agonia
 È vida ainda ou morte alucinada.

Chegou o Arcanjo, desferiu a espada
 Sobre o duplo laurel que florescia
 No horto concluso... E desde aquele dia
 Voltei, dentro das trevas, ao meu nada.

Julguei que o mundo, para o humano assombro,
 Ia rolar de súbito no escombro
 Da ruína total do firmamento...

Mas vi a terra em paz, em paz a altura,
 O campo tão sereno, a linfa pura,
 O monte azul e sossegado o vento!...

(*) *in: Manuel Bandeira. Antologia Poética, 2001.*

**Adriel Callegari Lopes****ORAÇÃO(*)***São Francisco de Assis*

Senhor, faze de mim instrumento de vossa paz.
 Onde houver ódio, que eu leve o amor;
 Onde houver ofensa, que eu leve o perdão;
 Onde houver discórdia, que eu leve a união;
 Onde houver dúvida, que eu leve a fé;
 Onde houver erro, que eu leve a verdade;
 Onde houver desespero, que eu leve a esperança;
 Onde houver tristeza, que eu leve a alegria;
 Onde houver trevas, que eu leve a luz.



Ó Mestre, Fazei que eu procure mais
 Consolar, que ser consolado;
 compreender, que ser compreendido;
 amar, que ser amado.
 Pois é dando que se recebe,
 é perdoando que se é perdoado,
 e é morrendo que se vive para a vida eterna.

(*) *in: Manuel Bandeira. Antologia Poética, 2001.*

Adriel Callegari Lopes

O ENTERRADO VIVO(*)

É sempre no passado aquele orgasmo,
 é sempre no presente aquele duplo,
 é sempre no futuro aquele pânico.

É sempre no meu peito aquela garra.
 É sempre no meu tédio aquele aceno.
 É sempre no meu sono aquela guerra.

É sempre no meu trato o amplo distrato.
 Sempre na minha firma a antiga fúria.
 Sempre no mesmo engano outro retrato.

É sempre nos meus pulos o limite.
 É sempre nos meus lábios a estampilha.
 É sempre no meu não aquele trauma.

Sempre no meu amor a noite rompe.
 Sempre dentro de mim meu inimigo.
 E sempre no meu sempre a mesma ausência



(*) *in: Carlos Drummond de Andrade. José e Outros, 2006.*

Adriel Callegari Lopes.

O PÃO(*)

Para comer o pão
é preciso avaliar nosso pouco amor
e nossa frágil esperança.

Porque o pão sobre a mesa.
está amassado por mãos em carne viva
e dói o sal das lágrimas nos farelos faiscando.

Antes de partilhar o pão devemos desnudar-nos.
Nem todos podem comer o pão com as mãos limpas.
Nós poderemos?

(*) *in: Paulo Gabriel. Utopia, 2000*

Felipe Leoci

RESISTIR É PRECISO (*)

Sobreviver à tempestade
na noite do povo reprimido
periferia!
Levantar mais que a voz
o grito
quando o silêncio se impunha no país
profecia!
Sustentar a fé
Socializar a esperança
Juntando os pés na caminhada

Travessia!

Abrir caminhos no silêncio cúmplice da igreja

Até organizar o dia na casa do homem novo

Liberdade!

(*) *in: Paulo Gabriel.Utopia, 2000*

Felipe Leoci

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Amar se aprende amando**. – 24^a ed. – São Paulo: Record, 2001.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Antologia Poética** – 33^a ed. – São Paulo: Record, 2001.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Corpo Novos Poemas**. – 16^a ed. – São Paulo: Record, 2002.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **As impurezas do Branco**. – 10^a ed. – São Paulo: Record, 2005.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Discurso de primavera e algumas sombras**. – 1^a ed. – São Paulo: Record, 2006.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **José e outros** – 10^a ed. – São Paulo: Record, 2006.

BANDEIRA, Manuel. **Antologia Poética**. – 6^a ed. – São Paulo: Global, 2001.

BANDEIRA, Manuel. **Meus poemas preferidos**. – 1^a ed. - São Paulo: Ediouro, 2002.

BANDEIRA, Manuel. **Apresentação da poesia brasileira**. – 1^a ed. – São Paulo: Ediouro, 2014.

BOCAGE, Manuel Maria Barbosa Du. In: BERARDINELLI, Cleonice. (Org.). **Melhores poemas de Bocage**. São Paulo: Global, 2012.

GABRIEL, Paulo. **Utopia**. – 1^a ed. – São Paulo: Santa Clara, 2000.

MEIRELES, Cecília. **Poesia Completa**. – 12ª ed. – São Paulo: Global, 2001.

MEIRELES, Cecília. **Melhores Poemas**. – 14ª ed. – São Paulo: Global, 2002.

MEIRELES, Cecília. **Antologia Poética** – 1ª ed. – São Paulo: Global, 2013.

MORAES, Vínicius. **Antologia Poética**. – 1ª ed. – São Paulo: Companhia de Bolso, 2005.

MURRAY. Roseana. **Caminhos da Magia**. – 1ª ed. – São Paulo: DCL Editora, 2001.

PAES. José Paulo. **Melhores Poemas** – 5ª ed. – São Paulo: Global, 2009.

QUINTANA, Mário. **Os melhores poemas** – 17ª ed. – São Paulo: Global, 2009.